Preço 1$00 Quinta-feira, 12 de Julho de 1956 Ano II - N.º 70

Semanário

A PROVÍNCIA

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTI

AS NOSSAS FESTAS

AS Festas Populares de S. Pedro obtiveram um retumbante êxito como prevíramos.

Os muitos milhares de pessoas que nos visitaram durante os sete dias festivos são as testemunhas desta verdade.

Estão de parabéns a Câmara Municipal, a Comissão das Festas e seus colaboradores, as subcomissões, — todos quantos colaboraram de qualquer forma no sucesso obtido.

«A Província» sente-se orgulhosa pela posição que tomou desde a primeira hora e pela parte que lhe competia na organização, propaganda, e reportagem persistente do grande acontecimento local, pois não só não iludiu ninguém como ficou para cá da expectativa e da realidade.

Neste momento de tão grande satisfação para todos nós, — para todos quantos querem a esta terra com entranhado amor —, um grito nos vem do coração e se nos impõe:

— VIVA MONTIJO!

A COBIÇA DE MANDAR

Por
ÁLVARO PEREIRA

Desconhecemos realmente se «esta vã cubiça de mandar» envolve a obrigação de uma nova personalidade. O que sabemos é que o mando afecta, muitas vezes, o comportamento do indivíduo, deixando-o como que embriagado de poder.

É do domínio geral que o tipo denominado chefe, tão comum e fácil de encontrar na fauna burocrática da sociedade, é figura indispensável em qualquer organização. Porém, há chefes dignos do cargo que ocupam, e por isso merecedores da nossa simpatia e respeito, e outros cuja missão directiva, justamente pela sua incompetência ou maldade, são alvos de comentários amargos, desagradáveis.

Alguns armam-se em legítimos defensores de princípios que ainda ontem condenavam; advogam regulamentos e cláusulas que na véspera desconheciam; invocam razões que outrora censuravam por contrárias ao chamado bom senso. E toda essa modificação de atitude, toda essa transformação súbita, quase instantânea, de procedimento, consistiu apenas na atribuição dum cargo de confiança, de responsabilidade, a que anda ligada, evidentemente, uma situação financeira mais lata, mais desafogada, mais reconfortante.

É certo que o dinheiro, só por si, não dá ao indivíduo o véu cristalino do saber, nem tão-pouco o encobre da falta de competência e de valor. Simplesmente, dá-lhe a noção de mais força, de mais poder, embora tal força assente em frágeis alicerces de areia.

Há indivíduos que reconhecem a tempo a precariedade de tal situação e, para a evitar, estudam e trabalham de forma a serem considerados e respeitados no meio que os rodeia. Mas para isso, é preciso que a categoria do chefe não asfixie a do homem. Sendo assim, as duas podem conjugar-se de forma a suscitar viva admiração.

Mas há aqueles para quem o lugar de chefe é fascinante obsessão. Para o alcançar, rodeiam-se de todos os meios, de todos os pedidos e influências, de todas as mistificações e até de todas as ignomínias. Alguns, mais dados à meditação, fazem uma espécie de exame retrospectivo aos seus princípios e às suas possibilidades. Desse exame vem ao de cima esta coisa curiosa, talvez difícil de explicar mas que se coaduna com a evolução dos acontecimentos surgidos na sua vida: Ontem era um número perdido na legião anónima dos funcionários que labutam dia a dia para a manutenção da sua existência; hoje, é um chefe, com as honras e o prestígio inerentes ao cargo, e isto tem algo de diferente, algo que seduz e ao mesmo tempo embriaga

(Continua na página 4)

«As Bibliotecas, o público e a cultura»

Os Ficheiros, os Horários e as Leituras

Por
José dos Santos Marques

Voltando ao admirável e precisoso livro de Victor de Sá, como havíamos prometido aos nossos leitores, dispensamos hoje a nossa atenção para os capítulos dedicados pelo autor às suas visitas à Biblioteca Pública de Braga.

Edifício da Biblioteca Pública de Braga

Ressaltam deles dois problemas vitais para quaisquer bibliotecas: os seus ficheiros e o seu horário.

Tal como o corpo não pode viver sem sangue, assim acontece com a biblioteca sem ficheiros.

Os ficheiros têm de ser vivos, bem organizados, eficientes, esclarecedores, para bem cumprirem o seu fim e dar vida à biblioteca, chamar a ela quem verdadeiramente pretenda cultivar-se e fomentar até esse desejo.

Na Biblioteca Pública de Braga e, provàvelmente em muitas outras espalhadas pelo país, apenas existe um ficheiro por autores!

Daqui se tira a conclusão de que só quem souber o nome dos autores que escreveram determinado ou determinados livros ou sobre determinado ou determinados assuntos, poderá requisitar o livro de que tem necessidade!

Certamente que os directores de bibliotecas são pessoas consideradas competentes para o lugar, portanto não se compreende bem semelhante critério e não cremos que o mesmo possa ser defendido em bases seguras.

Cada biblioteca deve ter, pelo menos, três ficheiros: por autores, por títulos das obras, e por assuntos. Só desse modo poderá cumprir com eficiência o fim para que foi criada. E diremos até mais: cada biblioteca deverá ter incluídos nesses três ficheiros todos os trabalhos de merecimento publicados nas revistas, jornais e outras publicações análogas que façam parte do seu recheio permanente.

Surge depois a Victor de Sá, como autor do Inquérito e a todos os leitores, como usuários das bibliotecas, o problema dos horários. A Biblioteca Pública de Braga — e continuamos a pensar: muitas outras, provàvelmente — não está aberta de noite!

Não estranhem os nossos leitores o abuso que fazemos dos pontos de exclamação: é que, na verdade, certas maneiras de encarar as realidades e necessidades são tão absurdas que pretendemos, deste modo, fazê-las avultar, evitando o mais possível comentários e julgamos consegui-lo plenamente através do minúsculo ponto de exclamação.

(Continua na página 4)

Crónicas Irrequietas - 27

O Sr. Cunha e a D. Empenhoca

Por
ÁLVARO VALENTE

Que lindo casal de trôpegos!

Assim mesmo, como são simpáticos e interessantes!

Quem os vir passar, disfarçados na capa de sorrisos blandiciosos, não dirá qual a influência dele e dela nos destinos da Humanidade.

Têm escritório montado e apetrechado com máquinas de escrever e dactilógrafas loiras, e por lá transitam a toda a hora milhares de clientes: caçadores de empregos, aflitos nos exames e nos concursos, réus de altos crimes, incompetentes à rebusca de surraipa, — um inferno!

As paredes estão ornamentadas com quadros figurando a Injustiça, a Iniquidade, a Inconsciência, a Infâmia, a Mentira, e os satélites que gravitam nessas órbitas.

O Sr. Cunha trata de assuntos menores, — daqueles em que qualquer alçaprema pode resolver as dificuldades removíveis; a D. Empenhoca dedica-se aos mais importantes, — àqueles que implicam o atropelo da lei e da razão.

O código de que se servem é bastante curioso.

Insere poucos artigos e alguns parágrafos; mas chegam muito bem para acudir aos casos mais complicados e mais urgentes.

O primeiro trabalho consiste em saber como se há-de aproximar o impetrante dos que julgam e decidem a causa. Muitas vezes são necessários dois e três voos para alcançar o ponto culminante. Escreve-se a este para pedir a esse, e para esse pedir àquele, e para aquele pedir ao outro. Mas lá vai, lá se atinge o termo do movimento, e lá se consegue o desejado.

Quando o caso se apresenta mais difícil, entra em cena a D. Empenhoca. E então lá vai ela toda dengosa, perfumada, decotes largos, seduções várias, a saracotear-se, a bambolear-

(Continua na página 4)

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes, às 9 horas, todos os dias excepto ás sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.as e 6.as feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.as e 6.as feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º-Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injecções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar
Luís Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Telefone 026 567
Para boas Fotografias
Foto Montijense

MONTIJO

Entrevista com o Dr. Sousa Gomes

Folclore Português

O Dr. Sousa Gomes, — ilustre director do Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo —, descansava à sombra da esplanada dum Café.

A viagem de Santa Marta a Montijo, a exibição do seu Grupo até altas horas da noite, eram para extenuar...

No entanto, confiados na bondade que irradia da sua personalidade inconfundível, apresentámo-nos e solicitámos algumas palavras e impressões para «A Província».

O Dr. Sousa Gomes, com toda a gentileza, acede e põe-se imediatamente ao nosso dispor.

Com os nossos agradecimentos, iniciámos a nossa entrevista, enquanto em volta ressoa o tumulto dos forasteiros que chegam de todos os lados para as Festas Populares de S. Pedro.

— Que diz V. Ex.ª da nossa terra, sr. Dr. Sousa Gomes?

— Confesso que me surpreendeu. É uma terra muito importante, onde se nota o desejo do maior progresso e a faceta, que logo se descortina, do seu intenso labor.

Agora venho eu de visitar duas fábricas que me deram fortemente essas impressões, em duas modalidades diferentes: uma, na chacina, outra na indústria de cortiça, — a Companhia de Criação e Comércio de Gados, e a Mundet.

Em ambas notei a importância, a grandiosidade, — digamos —, das suas instalações e das suas produções industriais; e por elas e pelo mais que observei no trajecto, formei o meu juizo acerca do valor da terra montijense.

Já a conhecia por tradição, mas, confesso, formava uma ideia bastante inferior à que formo agora.

— E quanto às nossas Festas?

— Olhe: Antes de mais, estou muito agradecido pela forma como eu e o meu Grupo fomos recebidos. Cumularam-nos de atenções e gentilezas, não sabem o que nos hão-de fazer.

Estou, estamos muito gratos por tudo.

Creia que nunca esqueceremos esta visita tão sensibilizadora, e levaremos deste povo a melhor, a mais profunda recordação.

Quanto às Festas: Surpreenderam-me tanto como a terra me surpreendeu.

Montijo pode afoitamente orgulhar-se delas e ter a convicção de que são das de primeiro plano do nosso país.

E se eu tenho visto festas em Portugal!

Foi com a maior satisfação que eu e o meu grupo folclórico as viemos abrilhantar, ainda que modestamente... E agora, depois de cá estarmos e de termos visto o que vimos, ainda muito mais!

Generalizando a troca de impressões, derivámos um pouco para outro assunto, de não menor interesse e em estreita ligação com o folclore português:

— Sr. Dr.: Permita V. Ex.ª que obordemos, de passagem, aspectos do seu Grupo e do folclore nacional. A apresentação do grupo de Santa Marta causa entre nós, os do Ribatejo, certa estranheza por diferir de quanto estamos habituados a ver neste género.

— Pois é. Não vê que vamos buscar ao seio do povo o que ele, por instinto e intuição, criou.

A nossa missão é aperfeiçoar, corrigir, sem que, todavia, tiremos o sabor natural; e assim é que entendemos o grupo folclórico.

Isto não se compara, nem se assemelha, às marchas populares com arcos triunfais e grupo musical de clarinete e saxofone. .

Como vê, a nossa música é a que a povo usa: o harmónio, o cavaquinho, a viola, os ferrinhos...

— Mas V. Ex.ª também traz acordeões...

— Tem razão. Como sabe, porém, o acordeão é uma transição desse harmónio, e eu, no intuito de fazer evolucionar o caso folclórico, adoptei este critério.

No resto, é tudo original, simples. tal como a vida e costumes dessa gente.

Veja os trajos, de dó, de domingar, de noivado, etc., a indumentária dos homens, tudo, enfim. É o que usam na normalidade. Não há nada de guarda roupa. É tudo confeccionado por elas, segundo os seus hábitos e sua tradição.

— Permita-me V. Ex.ª a última pergunta:

Nesse caso V. Ex.ª entende que se não devem escrever poesias, nem músicas especiais para estes grupos.

— Absolutamente. O povo, — eles e elas —, é que faz essa poesia e essa música.

Isso é que é folclore.

Como lhe disse, a nós apenas compete o aperfeiçoamento, «o limar das arestas», conservando religiosamente o que vem da origem própria e natural.

Estava terminada a entrevista. Aproximava-se a hora da segunda exibição do grupo, e o seu Director ilustre ia tomar o seu lugar, para msis um fulgurante êxito.

Agradecemos a amabilidade e a paciência do Dr. Sousa Gomes em nos atender e escutar, e partimos também a caminho da exibição que nos esperava e que constituiu um dos maiores prazere espirituais da nossa vida.

Casa de Móveis
DE
Luís Moreira da Silva
Gerência de
Francisco Campos
Apresenta um grande e variado sortido de Mobilias restauradas e uma grande diversidade de móveis avulso. — Compram-se e vendem-se móveis aos melhores preços.
Rua do Hospital, 16 — Montijo

Romagem de Saudade

No passado dia 26 de Junho, tivemos a honra de acompanhar a Comissão das Festas de S. Pedro, ao Cemitério desta Vila, na homenagem simples, despretenciosa e habitual, àquele que em vida foi um dos elementos da referida Comissão. Referimo-nos a Joaquim Elisiário Moreira.

Foi uma homenagem, como acima referimos, simples, tal qual foi em vida Joaquim Moreira, constando em depositar, na pedra fria de mármore, que cobre, encimada por uma linda imagem de S. Pedro, a sua derradeira morada, um lindo ramo de flores. Por isso mesmo calou bem fundo em nosso coração, o gesto nobre da Comissão.

Ninguém nos pediu pera que escrevêssemos estas linhas e muito possivelmente a Comissão quererá que esta homenagem fique no olvido, tão modestos são seus activos elementos; se assim é, que nos desculpem, mas é nossa intenção referirmos este gesto, porquanto ele denuncia um espirito de solariedade que nem a morte pode destruir.

É com homens deste jaez que se consegue aquilo que se tem visto em Montijo e que se chama Festas de S. Pedro.

Bem hajam, amigos, por esta magnífica lição!

Artur Lucas

Ateneu Popular de Montijo

Esta simpática colectividade que, modesta e simplesmente, tanto benefício espalha em Montijo, inaugurou a sua sede na rua Cândido dos Reis por ocasião das Festas de S. Pedro. Foi mais um número do programa, sem estar anunciado, mas que muito valor teve para os que desejam a Cultura Popular com sinceridade.

Pelas 22 horas do dia 30 ali comparecemos para esse fim. Recebemos o convite verbal e logo nos aprontámos para o acto solene e significativo.

O Presidente da Câmara, sr. José da Silva Leite, também ali compareceu para essa inauguração, cortando a fita simbólica da entrada.

A cerimónia foi igualmente simples. Cortada a fita, toda a assistência penetrou na sala principal. O presidente da Assembleia Geral da instituição, sr. professor Margalho Pinto, saúdou os presentes num improviso excelente, dizendo das finalidades do Ateneu e do bem que ele proporciona. Aproveitando o momento, solicitou do sr. presidente da Câmara o auxílio oficial de que a colectividade tanto necessita, apontando as vantagens educativas da sua actuação em Montijo.

O sr. Humberto de Sousa, presidente da Comissão das Festas de S. Pedro, felicitou o Ateneu pela inauguração da sede e agradeceu o apoio e a ajuda que sempre tem recebido dos seus dirigentes.

Por fim, o sr. Presidente da Câmara, em breves palavras, felicitou igualmente a colectividade e prometeu prestar ao Ateneu todo o auxílio possível, a fim de que melhor possa cumprir a sua nobre e sublime missão.

Em seguida. procedeu se à inauguração da Exposição de Fotografia e Aguarela, numa sala lateral. Eram perto de 50 trabalhos de consagrados artistas amadores de fotografia. Os seus nomes são: Alfredo de Oliveira, Chagas dos Santos, Eduardo Sena, Augusto Cabrita, e Manuel Mascarenhas, do Barreiro; António Paixão e Júlio Diniz, de Almada; e José Ventura, de Lisboa. A pintura estava representada por José António Marques, com aguarelas montijenses, e Fernando Sousa Castro, ambos de Lisboa, num total de 19 quadros.

«A Província» regozija-se pelo progresso da simpática instituição e felicita o Ateneu pela nova sede e pelo êxito da Exposição.

E, como por várias vezes temos afirmado, continuamos oferecendo as colunas do nosso semanário e a nossa solidariedade para que esse progresso seja cada dia maior, para bem da Cultura Popular tão necessária e útil.

E isto dizemos com a firme sinceridade dum jornal que pugna justamente pelos mesmos fins.

A Marcha dos Pescadores de Montijo

Um dos números mais interessantes e mais atraentes das nossas Festas foi, sem dúvida, a apresentação e colaboração desta Marcha.

Na noite da sua apresentação em público percorreu várias ruas e cumprimentou a Câmara e colectividades.

Com uma amabilidade que registamos, veio até a nossa redacção e aqui cumprimentou «A Província», executando o seu hino.

Os nossos agradecimentos por esse motivo e a certeza da nossa simpatia.

A Marcha compunha-se de 18 pares empunhando arcos de triunfo, com balões iluminados, produzindo um lindo efeito; e os seus componentes conduziam-se com toda a compustura e garridice, o que realçava o brilhantismo do conjunto.

Incorporou-se depois na Batalha de Flores e na Marcha Luminosa, sempre com a mesma apresentação correcta e admirável, executando o seu Grupo Musical marchas alegres e populares.

É com o maior prazer que «A Província» aponta estes factos, tanto mais que, saída duma classe tão pobre, não regateou a sua colaboração, antes a deu franca e decididamente, ao passo que outras classes, com maiores possibilidades, primaram pela sua ausência.

Os nossos parabéns, portanto, pela sua atitude e o nosso aplauso incondicional pela maneira como a Marcha dos Pescadores se distinguiu nas Festas Populares de S. Pedro.

MOEDAS ANTIGAS
Em cobre, prata ou ouro, compra particular. — E. P.
Rua Almir. Cândido dos Reis, 18
MONTIJO

MONTIJO

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

JUNHO

— Dia 9, o Sr. José Ribeiro Vintém, categorizado elemento da «Orquestra Eldorado» e nosso prezado assinante.

— Dia 9, o menino José Joaquim Pialgata Víctor, filho do nosso assinante Sr. José Maria Víctor Jor.

— Dia 10, o Sr. Víctor de Matos Brito Costa, filho do nosso estimado assinante em Pegões, Sr. José de Brito.

— Dia 18, o menino Elisiário Quinteiro Carvalho, filho do nosso redactor desportivo Elisiário Joaquim Carvalho.

— Dia 20 a Sr.ª D. Fernanda Silva Ventura Pinto, esposa do nosso velho amigo e conceituado industrial de cortiças, Sr. Eusébio Mendes Pinto.

— Dia 20, o Sr. Justiniano António Gouveia, ilustre Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Montijo e nosso dedicado assinante.

— Dia 21, o menino Mário Augusto Salgado Ribeiro, filho do nosso assinante Sr. Sérgio Caria Ribeiro.

— Dia 23, o Sr. Ricardo Raimundo da Silva, nosso prezado assinante em Portalegre.

— Dia 26, o Sr. Eliseu Fernandes da Silva Dias.

— Dia 27, a Sr.ª D. Maria da Luz Perpétua de Almeida, nossa dedicada assinante.

— Dia 28, a Sr.ª D. Júlia Leonor Tavares, nossa estimada assinante em Portalegre.

— Dia 29, o Sr. António João Tormenta Frade, sobrinho do nosso prezado assinante Sr. António Azevedo de Oliveira Frade.

JULHO

— Dia 1, o menino Júlio Manuel da Costa Fernandes, filho do nosso assinante Sr. Alvaro José Vintém Fernandes.

— Dia 2, a Sr.ª D. Benvinda Cardoso dos Santos, filha do nosso assinante Sr. Júlio José dos Santos.

— Dia 4, a Sr.ª D. Leandra Baptista, esposa do nosso prezado assinante Sr. Cândido Ceia Alves Baptista.

— Dia 4, a menina Adriana de Sousa Aragão, afilhada do nosso assinante Sr. Uvel Supias de Castro.

— Dia 7, o nosso jovem assinante, menino João Diogo da Veiga Santana.

— Dia 8, a gentil menina Etelvina Alves Oliveira, filha do nosso dedicado assinante Sr. Joaquim A. de Oliveira.

— Dia 10, o Furriel Sr. José António Caria em serviço na 2.ª C.ª Batalhão Vasco da Gama, na India Portuguesa. Por nosso intermédio aproveita sua extremosa mãe para o saudar carinhosamente.

— Dia 11, o Sr. António Manuel Sousa Silva Gervásio, neto do nosso prezado assinante Sr. Fernando da Silva Manhoso.

— Dia 11, o menino José António Baptista Gouveia, filho da Sr.ª D. Maria Leonor Costa Alves Baptista e do nosso assinante Sr. José Luís Gouveia Jor.

— Dia 12, a menina Maria Cristina Bernardo de Sousa, filha do nosso estimado assinante Sr. José António de Sousa.

— Dia 17, a menina Anabela da Silva Ferreira, gentil filhinha do nosso prezado assinante em Oeiras, Sr. Otelo Higino Ferreira.

Visita

Esteve nesta vila, acompanhado de sua Ex.ma Esposa e de visita a sua filha Sr.ª D. Maria Tereza Milheiro Sidónio e seu marido, o Sr. Tenente Coronel João Mário Prazeres Milheiro, comandante militar e Presidente da Câmara Municipal de Penamacor, nosso prezado assinante.

Parabéns

Dia 12-7-1956

José de Sousa Martins

Sua Esposa e filhas, desejam a seu querido marido e pai as melhores venturas pelo seu aniversário desta data.

«A Provincia» — N.º 70 - 12/7/956

Mário Guerreiro, Limitada

Por escritura de 19 de Julho de 1941, lavrada a fls. 93 v. e seguintes do respectivo livro N.º 283, do Cartório Notarial de Montijo, entre Mário Guerreiro, Apolino Martins, e Artur Rosa, foi constituida uma Sociedade Comercial por cotas de responsabilidade limitada, será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Mário Guerreiro, Limitada» e fica com a sua sede e estabelecimento na vila de Montijo, na Rua José Joaquim Marques.

2.º — O seu objecto é o comércio da compra e venda e fabricação de cortiças e seus derivados, e qualquer outro ramo de negócio que resolvam explorar e que não dependa de autorização especial.

3.º — A sua duração é por tempo indeterminado e para todos os efeitos o seu começo contar-se-á desde a data de hoje.

4.º — O capital social é a quantia de 30.000$00, dividida em 3 quotas de valor igual ou seja a quantia de 10.000$00 por cada sócio, importâncias integralmente realizadas em dinheiro e que deram entrada no cofre social.

5.º — A cessão de quotas fica dependente do consentimento da sociedade, à qual é, em todo o caso, reservado o direito de preferência. O sócio que quiser ceder a sua quota, assim o comunicará à sociedade ou a um dos gerentes, declarando-lhe o nome do adquirente e o preço que lhe é oferecido. Os gerentes, dentro de 8 dias, convocarão a assembleia dos sócios e estes resolverão se a sociedade consente ou não na cessão, e, no caso afirmativo, se deve ou não optar. Não usando a sociedade do direito de preferência este competirá a qualquer — dos sócios, e, querendo o mais de um, será a quota dividida — pelos sócios que a quiserem, conforme for legalmente possível.

6.º — A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, os quais ficam sendo gerentes, sem retribuição e sem caução. Para que a sociedade fique obrigada, basta sòmente a assinatura de um dos sócios ou gerentes;

7.º — Os balanços dar-se-ão em 31 de Dezembro de cada ano, e os lucros líquidos apurados, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, enquanto este não estiver realizado ou sempre que for preciso reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios em partes iguais. sem prejuízo de qualquer outra deliberação, e distribuídos no fim de cada ano social em seguida à aprovação dos balanços.

8.º — As Assembleias Gerais, a terem lugar, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com 8 dias de antecedência.

9.º — No caso de falecimento de um dos sócios. os seus herdeiros exercerão em comum os direitos do sócio falecido, enquanto a quota social estiver indivisa.

10.º — Fica proibido aos sócios, associarem-se com outros em sociedades de qualquer natureza, sem autorização, por escrito, desta sociedade.

11.º — Em todo o omisso digo o mais que fica omisso regularão as disposições das leis em vigor e ainda as deliberações tomadas em reunião de sócios.

Montijo, 25 de Maio de 1956.

O ajudante de cartório,

(*Manuel Cipriano Rod. Futre*)

A Provincia» — N.º 70 - 12/7/1956

Mário Guerreiro, Limitada

Por escritura de 24 de Agosto de 1946, lavrada afls. 50 e seguintes do respectivo livro n.º 328, do Cartório Notarial de *Montijo*, foi alterado os artigos digo *Montijo*, foram alterados os artigos 6.º e 10.º do respectivo pacto social da firma «MARIO GUERREIRO, LIMITADA», os quais ficaram a ter a seguinte redacção:

6.º

A sociedade será representada em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, os quais ficam sendo gerentes, sem retribuição e sem caução. Para que a sociedade se considere obrigada, é contudo necessária a assinatura em conjunto de dois gerentes;

§ único

Não poderá a sociedade em caso algum ser obrigada em letras de favor, abonações, fianças, avales e outros actos ou documentos estranhos aos negócios sociais;

10.º

Nenhum sócio poderá, sem autorização por escrito da sociedade, individualmente, associado com outrem ou por interposta pessoa, exercer comércio ou indústria igual ou semelhante aos que a sociedade explore.

Montijo, 25 de Maio de 1956.

O ajudante do cartório,

(*Manuel Cipriano Rod. Futre*)

Que não falte na sua mesa o café de

«A JAVANEZA»

Rua do Arsenal, 102

Telef. 22722

Enviam-se encomendas para a província

SANFER, L.DA

SEDE — LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

ARMAZÉNS — MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moinho que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINO BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Concurso Hora Feliz

da Ouriversaria e Relojoaria Contramestre, praça 1.º de Maio, em Montijo:

— No dia 28 do mês passado deslacrou-se o relógio deste Concurso, na nossa sede.

O relógio parara nas **22 horas e 25 minutos.**

O cupão premiado, mais próximo desta hora, pertencia à sr.ª D. Beatriz Gaspar, residente na rua Dr. Manuel da Cruz — 49 — Montijo.

— No dia 5 do corrente, o relógio marcava:

16 horas e 36 minutos.

O cupão premiado pertencia à sr.ª D. Juvelina Correia, moradora na rua Joaquim de Almeida, 52 — Montijo, por ser o mais próximo daquela hora (16 e 29).

Ainda pode inscrever-se no CONCURSO HORA FELIZ!

DESASTRES

No dia 3 do corrente, pelas 2 e 30, perto do Apeadeiro de Sarilhos, a camioneta da carreira, conduzida por Armando da Luz Costa, atropelou os menores José Anastácio Prates, de 19 anos, natural de Cabeção e residente no Afonseiro e José Martins Correia de 16 anos, natural de Loulé, e também residente no mesmo sítio.

O primeiro, que seguia numa bicicleta, teve morte imediata; e o segundo ficou muito maltratado, tendo sido internado no nosso hospital.

O motorista foi enviado a juizo.

— No mesmo dia, pelas 17 e 30, na Jardia, houve um choque entre uma furgoneta, conduzida por Artur Ferreira, de Vila Franca, e uma moto conduzida por Casimiro de Oliveira Fulgêncio, do Pinhal Novo.

Este ficou muito ferido e, depois de tratado no nosso hospital, recolheu a casa.

A Polícia de Viação e Trânsito tomou conta das duas ocorrências.

LUTUOSA

No dia 28 de Junho faleceu, nesta vila, o sr. José Rodrigues, casado com a sr.ª D. Felicidade Rodrigues, industrial de padaria, natural de Carragosela e residente em Montijo há muitos anos.

Era pai do sr. José Rodrigues Júnior, das sr.as D. Demetília Rodrigues, Celeste Rodrigues, Albertina Rodrigues, Piedade Rodrigues e Maria Tereza Rodrigues, e sogro dos srs. Tertuliano Rodrigues e José Marques.

O extinto, nosso estimado assinante, deixou profunda saudade em quantos o conheciam e com ele privavam.

A toda a família de luto as nossas sentidas condolências.

Pedem-nos a publicação do seguinte comunicado:

Como já vai sendo tradicional, um pequeno grupo de sócios da Banda Democrática 2 de Janeiro comemora no dia 17 do corrente o 33.º aniversário da posse do Maestro Amadeu de Moura Stoffel da Regência da Banda, na qual durante 28 anos realizou uma Obra notável de regente e amigo.

Nessa comemoração, que, como sempre, terá carácter intimo, a recordação do facto decorrerá entre o maior regozijo pelo progresso da colectividade e a mais entusiástica admiração pelo actual Regente.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-feira, 12 — *Moderna*
6.ª-feira, 13 — *Diogo*
Sábado, 14 — *Giraldes*
Domingo, 15 — *Montepio*
2.ª-feira, 16 — *Moderna*
3.ª-feira, 17 — *Diogo*
4.ª-feira, 18 — *Giraldes*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.ª-feira — às 9 e 10 horas.
6.ª-feira — às 8,30 e 9 horas.
Sábado — às 6 e 10 horas.
Domingo — às 8, 9, 10 e 11,30 horas (Atalaia) — 11,30 e 18.

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª feira, 12; «Amor Proibido» com «Os Papás vão Casar».

Sábado, 14; A deliciosa comédia «As Diabruras de Jane».

Domingo, 15; Um dos últimos grandes sucessos em Cinemascópio «A Mão Esquerda de Deus».

2.ª feira, 16; Um excepcional programa duplo «Entre a Vida e a Morte» com «Floresta em Chamas».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 14; (Para 18 anos) O *filme* de terror «O Testamento do Médico e do Monstro» e a engraçada comédia com o picante francês «Clochemerle».

Domingo, 15; (Para 13 anos) O *filme* colorido com Cornnel Wilde e Yvonne Sanson «A Estrela do Oriente» e ainda lindos complementos.

2.ª feira, 16; (Para 18 anos) O *filme* de aventuras singulares «Simba», um drama que foca a terrível seita dos Maus-Maus.

4.ª feira, 18; Um deslumbramento para os olhos, filmado em Ecran Panorâmico e em luxuoso colorido «Escrava e Rainha», e ainda o Jornal de Actualidades e outros lindos complementos.

Vendem-se

— PRANCHA completa para espremer bagaço de Uva. Informa F. Rosa & Irmão, Ld.ª Montijo.

— MOTO - A. J. S. estado impecável — nesta Redacção se informa.

— Compram-se, vendem-se e trocam-se móveis usados, também se vendem portas e janelas envidraçadas.

Neste estabelecimento só se trata com seriedade. Antigo armazém na Rua Joaquim de Almeida, 53.

Perdeu-se

MEIA LIBRA de cavalinho, com aro, no trajectorua Paçô Vieira ao mercado Municipal. Pede-se a quem a encontrou o favor de entregar na rua Paçô Vieira, 27.

Precisa-se

— QUINTA ou FAZENDA, morada, com casa para habitação, afastada o máximo 15 Km. de Montijo.

Recebem-se propostas na redacção deste jornal.

Vai viajar?

— Não se esqueça de levar a sua apólice de Seguro contra «Acidentes Pessoais»

Se ainda não possui uma apólice contra Acidentes Pessoais, peça já o folheto explicativo, grátis, ao Agente da C.ª de Seguros «*IMPERIO*»

FERNANDO A. C. PEDROSO — Telef. 024059 — *ALHOS VEDROS.*

(Só enviamos para os concelhos limitrofes).

A cobiça de mandar

(*Continuação da primeira página*)

os sentidos, deixando-os presos de singular entusiasmo.

É então que se opera na vida e nos hábitos do novo empossado uma total transformação.

A camaradagem começa a ser perigosa porque pode estragar o respeito que todo o chefe tem de exigir dos seus subordinados. O exemplo vem de cima e esse exemplo será tanto mais de apreciar quanto mais rígida fôr a compostura entre dirigentes e dirigidos.

A nova posição reclama deveres e ele aí está, o novo chefe, para deles se desempenhar com a argúcia e confiança que nele depositaram.

Os locais habitualmente frequentados por si e pelos antigos colegas tornam-se depressa mesquinhos, ridículos, ba ais. Há que procurar outros, onde o convívio seja mais selecto, quiçá aristocrático. Mas para esses novos centros de reunião, espécie de tertúlias, aliás tão restritas e tão solenes no nosso meio, há que possuir certos conhecimentos consoante a Arte aí predominante. E então, como a ignorância é a madrinha da ousadia, vá de arranjar relações influentes, capazes de o recomendar e de o apresentar no novo palco da sua vaidade.

E o homem muda de ambiente, muda de gostos e muda de vida também. É curioso observar que o homem habitua-se a tudo, até a esmolar favores. O que é preciso, afinal, é que as aparências salvem tudo ou tudo confundam porque elas valem às vezes mais do que a própria realidade, sobretudo quando esta realidade enferma de valor.

E o homem vai adquirindo, a pouco e pouco, a consciência da sua nova posição, ao passo que rápidamente esquece o passado humilde donde proveio. Daqui resulta este paradoxo bastante curioso e digno de ser revelado, quando se confronta a origem de certas situações pessoais: o homem ganha em arrogância o que vai perdendo em modéstia; vence em astúcia o que perde em cavalheirismo.

O mal não está, evidentemente, nas novas responsabilidades contraídas ou nos deveres que daí resultam, mas tão sòmente na maneira como esses indivíduos actuam. A circunstância de se ser ríspido, severo, exigente, em suma, não invalida ou ofusca a condição de chefe. Simplesmente, há maneiras de mandar e orientar e nem todos os indivíduos estão à altura, infelizmente, de as saber compreender e interpretar.

O homem verdadeiramente superior quase que esquece essa superioridade e vá de manter relações com os seus subordinados numa base em que entra muito o sentido psicológico do indivíduo. O tratamento nas relações com o pessoal — eis a pedra de toque do autêntico chefe.

Não se vai exigir do indivíduo atormentado pela dor dum ente perdido ou incomodado de saúde o mesmo que a outro que foi premiado, por exemplo, com a lotaria da Santa Casa da

Por

ÁLVARO PEREIRA

Misericórdia. Há que distinguir situações, possibilidades, aspirações legítimas, etc...

É para essa precariedade de compreensão, porém, que os nossos olhos se fixam quando deparam com um desses seres desprovidos de sensibilidade e de valor.

Mas nem todos estão à altura de compreender certas verdades elementares. Uns, por falta de recursos naturais; outros, por excesso de autoridade que lhes veda por completo o senso prático, mas necessário, de saber auscultar o semelhante que trabalha.

Neste mar de vaidades que é a vida, afinal, temos constatado a veracidade daquele provérbio bem português, que define: «Se queres conhecer o vilão mete-lhe a vara do mando na mão». Com efeito, enquanto dum lado temos tido a honra de estreitar relações com algumas das personalidades mais ilustres da vida da Nação e que se revelam grandes pelo seu saber e generosos pela sua bondade, — predicados essenciais do verdadeiro Chefe; por outro lado, temos visto a onda de pequenos seres, irrequietos, buliçosos, desesperados de trepar, como a hera, o muro da sua hierarquia, numa ascensão que leva ostensivamente a marca do encosto, da subserviência, da própria traição até; e essa ânsia, esse desaforo, tem levado, continua a levar, afinal, porque isto é de todas as épocas, muita gente a posições de chefia para que realmente não estava preparada, sequer domesticada.

Há quem desconheça ou esqueça que o empregado não é um número catalogado no arquivo do pessoal, só à espera do ordenado ao fim do mês. Ele é alguma coisa mais do que isso. Representa o esforço e a dedicação em que assenta toda a estrutura de qualquer empreendimento social.

Um chefe que se recuse a reconhecer os direitos dos seus subordinados é homem condenado a fracassar, não pela negligência ou indiferença manifestadas no âmbito das suas prerrogativas; mas principalmente pela situação anómala, arbitrária, que vai criando à sua roda, onde o sentido de equidade e de premiar anda totalmente arredio.

O homem precisa de um pouco de estímulo. Necessita sobretudo de se sentir compreendido, quiçá estimado. Poderá não ser tudo na vida profissional, mas, decididamente, é o melhor caminho para olhar com confiança o futuro e sentir a tão desejada alegria no trabalho.

«As Bibliotecos, o Público e a Cultura»

Os Ficheiros, os Horários e as Leituras

(*Continuação da primeira página*)

Se uma biblioteca apenas está aberta de dia é óbvio que a esmagadora maioria dos operários, dos empregados e das várias outras camadas sociais as não pode consultar, e que qualquer comerciante ou industrial o poderá fazer apenas com prejuizo para a sua vida profissional.

Se as tabernas estão abertas de dia e de noite, porque não hão-de as bibliotecas ter horário semelhante? Se o vinho dá de comer a um milhão de portugueses, as bibliotecas poderão dar saber e cultura a todos eles.

Verificou também Victor de Sá que a maior procura na Biblioteca Pública de Braga — e continuamos a estar certos de que em qualquer outra o facto se repete — foi dos periódicos infantis. É triste verificá-lo, não só porque a preferência vai desde a juventude à adolescência, como principalmente porque, a despeito de uma censura existente, estas publicações são mais condenáveis do que aceitáveis.

Conviria que a mocidade fosse induzida na procura de leituras que a instruissem e cultivassem, e não seria difícil criar em cada biblioteca um departamento destinado a esse fim, nomeando alguém competente que aconselhasse os jovens e as crianças quanto às boas e fecundas leituras. Se tal ponto de vista fosse adoptado, não teríamos que recear pôr em confronto a cultura dos portugueses com a de quaisquer outros povos mais evoluídos.

Talvez caiba aqui referir que muitos jovens de outros países frequentemente dominam várias línguas e têm um nível de cultura elevado, embora vindos muitas vezes de profissões bem modestas.

Temos ainda um reparo a fazer: que o director de uma biblioteca se escuse a prestar, pronta e espontâneamente, declarações para um inquérito que foi reconhecido de utilidade pública através do apoio dado, não só pelo órgão da Comissão da União Nacional como ainda pelo ilustre presidente da Câmara Municipal, sem falar já das outras altas personalidades que, mais compreensivas, lhe deram todo o apoio e colaboração. Felizmente que se constata deste modo que, a grande maioria das pessoas colocadas em lugares de responsabilidade, estão à altura delas e sabem cumprir o seu dever.

Não vemos em que possa um simples director de biblioteca ter interesse em esquivar-se a responder a perguntas de interesse público que poderiam favorecer o próprio estabelecimento que dirige. Antes, talvez, pelo contrário, encontrasse nesse facto uma oportunidade para chamar a atenção do público para os problemas que, porventura, o possam afligir.

O livro de Victor de Sá publica ainda o título das obras requisitadas num dia de maior movimento. Seria curioso citá-los, nas tornar-se-ia fastidioso e ocuparia muito espaço. Aconselhamos todavia, uma consulta ao volume porque uma meditação sobre o assunto será de grande proveito.

José dos Santos Marques

Crónicas Irrequietas - 27

O Sr. Cunha e a D. Empenhoca

(*Continuação da primeira página*)

-se, e toda se desfaz em amavios de encosto, em efervescências sensuais.

Se não bastar a sua pessoa, vai uma filha, uma irmã mais nova, uma prima em terceira mão e quarto grau, uma liró fresquinha para aquecer, e o caso fica arrumado.

Depois das aproximações seguem as pequenas lembranças, as recordações diplomáticas, os «toques» insistentes, para que não esqueça e não arrefeça, para que se decida favoràvelmente a pretensão.

Se o caso é desesperado, periclitante, entra o casal em conjunto nas operações.

E nessa altura, o Sr. Cunha por um lado e a D. Empenhoca pelo outro, é um ataque tão cerrado, tão asfixiante que o visado cambaleia, estorce-se, e tomba por fim vencido.

E este casal goza de prorrogativas extraordinárias: sobe escadas livremente, entra nos palácios mais inacessíveis, penetra nos salões à sua vontade, fura, refura, perfura, e, com salamaleques e reverências, introduz-se e lamuria-se e choraminga e obtém o fim almejado.

Os que têm razão e direito, os que têm a lei por sua banda, os que têm competência, ficam preteridos e aparvalhados, sem saberem explicar como se deu o fenómeno, a tratantada, a refinada pouca vergonha; mas já de nada lhes vale a lamentação, porque o Sr. Cunha e a D. Empenhoca triunfaram em toda a linha e cortaram a retirada sem apelação, nem agravo!

E se os prejudicados teimarem, se persistirem na idiotice de confiar em recursos, o casal desenvolve as últimas arteiríces e habilidades, ataca furiosamente com toda a estratégia, lança mão dos últimos cartuchos, e os adversários são mais uma vez vencidos na luta inglória.

Eis porque o escritório tem uma vasta clientela.

Eis porque já não chegam as máquinas de escrever e as dactilógrafas loiras.

É um corripio sem detença, escada acima, escada abaixo; e poucos, pouquíssimos se gabam de nunca subirem ao antro onde se manipulam as benesses.

E já sabem que, quem lá não subir, não vence, não consegue, não alcança o que pretendia para sua conveniência, por seu direito.

E o pior é que o casal prolifera, tem uma descendência formidável, espalha raízes por toda a orgânica, e não há probabilidades de que a raça se extinga!

O Sr. Cunha e a D. Empenhoca são os símbolos duma geração que enche casas e barracões, que trepa e se agarra, que resiste ao tempo e ao D. D. T., que aumenta de influência e de poderio a cada passo.

Temos que o cumprimentar afectuosamente se quisermos as suas boas graças.

São estas as lições da Vida...

Álvaro Valente

Organizações Progresso

AGENCIA PUBLICITÁRIA

Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.as feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

Festas Populares de S. Pedro

1956

Temos que fazer a reportagem de quanto se passou durante os sete dias festivos.

É difícil! — confessamos.

Em primeiro lugar, andámos também na farândola.

Somos ribatejanos, somos montijenses, e mal nos ficaria até se não sentíssemos e não vivêssemos os momentos eufóricos que nos rodearam durante esses sete dias.

Em segundo lugar, os deveres do nosso cargo levaram-nos a participar de muitos números do programa, — o que nos tirou o tempo necessário para tomar apontamentos.

Vamos, pois, fazer esta reportagem de memória.

— É difícil! — repetimos.

Haverá faltas e deficiências, naturalmente.

Que no-las desculpem, atendendo às razões que expomos.

Seguiremos a ordem do programa, para melhor concatenação de quanto se passou:

Dia 27

Ao romper das oito horas, a primeira salva de 21 tiros anunciou a abertura das Festas.

Pelas 12 horas efectuou-se, na Ponte dos Vapores, a recepção à Imprensa e à Rádio.

Esta visita anual é sempre motivo para demonstrações de estima e de camaradagem que muito sensibilizam.

Recebidos os visitantes no salão nobre da Câmara Municipal, aí lhes foram dadas as boas vindas, em nome da Comissão, pelo nosso redactor, sr. José Estêvão da Silva Carvalho, e em seguida pelo Presidente da Câmara, sr. José da Silva Leite.

Respondeu-lhes o jornalista Armando de Aguiar, do «Diário de Notícias», que agradeceu em nome dos jornais representados a forma carinhosa como a Imprensa é sempre recebida em Montijo.

Estavam presentes, além do «Século», «Jornal do Comércio», «Distrito de Setúbal», «A Voz de Palmela», «Diário de Lisboa», «Rodoviária», «Diário Popular», Casa do Ribatejo», «Gazeta do Sul» e «A Província», e «Jornal do Barreiro», quatro representantes da Emissora Nac. e da Rádio.

Depois dum aperitivo no Café Portugal, toda a caravana percorreu as artérias ornamentadas e a Feira.

Eram unânimes os elogios à forma como tudo se encontrava disposto e apresentado.

Momentos depois, realizava-se o almoço no Salão do 1.º andar daquele Café.

Tomou a presidência o sr. Presidente da Câmara. Os outros convivas sentaram-se em lugares que lhes indicaram, decorrendo o repasto com a maior animação e camaradagem.

Aos brindes usaram da palavra: José Estevão, em nome da Comissão; José Barão, pelo «Século», que enalteceu as qualidades altruistas do sr. Presidente da Câmara, em prol da Colónia Balnear Infantil; Carlos Babo, pela imprensa setubalense, que leu um conceituoso discurso acerca da missão do jornalismo; Luís da Costa Santos, pela Casa do Ribatejo, que fez referências a propósito da futura Ponte e das ligações com a nossa margem; Manuel Giraldes da Silva, nosso distinto colaborador, e não menos distinto poeta, que leu versos de sua autoria; o Dr. Manuel Paulino Gomes, pela «República», que fez o elogio da mulher portuguesa e saudou a senhora ali presente; o Dr. Jorge Antunes, que apresentou ao sr. Presidente da Câmara um *requerimento* para que se afixasse nos Paços do Concelho uma lápide de homenagem à Comissão das Festas; o nosso Director, que falou para os jornalistas visitantes e para eles fez várias considerações; o Inspector Matias, dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste; e por fim o sr. José da Silva Leite, presidente da nossa Câmara, que leu uma interessante alocução, cheia de fé nos destinos de Montijo.

Todos os oradores foram ovacionados pela assistência, terminando o almoço no meio das maiores manifestações de carinho para com os nossos hóspedes.

O serviço de mesa foi primoroso.

O discurso do sr. Presidente da Câmara é transcrito noutro local do nosso semanário, dada a importância de que se reveste.

Os jornalistas retiraram pela tarde, tendo uma despedida muito afectuosa.

— A's 19 horas efectuou-se a inauguração oficial das Festas.

Com a presença da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e da Banda Democrática 2 de Janeiro, muito povo e imprensa local, o sr. Presidente da Câmara cortou a fita simbólica, à entrada da rua Cândido dos Reis, subindo aos ares muitas girândolas de foguetes e estrondeando as aclamações.

Um aspecto da Praça da República

As Bandas percorreram depois os arraiais e a feira, até ao princípio da estrada da Ponte dos Vapores, onde se fez a largada dos pombos correios.

A' noite a Academia Musical União e Trabalho, de Sarilhos Grandes, e a Banda Democrática 2 de Janeiro, de Montijo, deram seus concertos na Praça da República e no Largo Gomes Freire de Andrade, junto ao novo Mercado.

Exibiu-se também o Rancho Folclórico do Cartaxo, no largo Dr. Manuel da Cruz.

Tanto as Bandas como este Rancho, foram entusiàsticamente aplaudidos.

Dia 28

Pelas 19 horas chegou a Montijo o Grupo Artístico de Amadores do Sado, que teve calorosa recepção.

Deram concertos a Sociedade Instrução Musical, da Quinta do Anjo, a Sociedade Perpétua Azeitonense, e a Sociedade Filarmónica Palmelense, exibindo-se aquele Grupo Artístico, após os concertos, no mesmo largo Dr. Manuel da Cruz.

Tanto os concertos como a exibição foram muito ovacionados pela compacta multidão assistente.

Dia 29

A's 16 horas realizou-se um concerto, no coreto da Praça da República, pela Banda da C. U. F., do Barreiro.

A's 18 horas chegou o Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo — Viana do Castelo. A recepção a este Grupo, da direcção do Dr. Sousa Gomes, foi particularmente notável pela afluência de povo e pelo carinho das manifestações.

A's 20 horas foi a imponente procissão e Bênção dos Barcos, abrilhantados por aquela Banda e pela 1.º de Dezembro.

Já de manhã se realizara na Matriz a missa solene, com intervenção do grupo coral «Stella Vitae», decorrendo todos os actos religiosos com a máxima ordem e grandiosidade.

E a noite terminou com os concertos musicais das Bandas da C. U. F., 1.º de Dezembro, e Sociedade Musical Sesimbrense, e ainda com a primeira exibição do Grupo de Santa Marta.

A finalizar o dia, uma sessão de fogo de artifício.

Dia 30

Pelas 13 horas deste dia, efectuou-se o tradicional almoço da Classe Piscatória, oferecido às autoridades, Comissão das Festas, Imprensa local, e convidados.

Presidiu o sr. Presidente da Câmara, estando presentes todos os membros da Comissão, e os jornais «Gazeta do Sul», «A Província», e «Distrito de Setúbal», respectivamente representados pelos srs. Rui de Mendonça, Álvaro Valente, e José Estêvão de Carvalho.

A festa decorreu num ambiente de simplicidade e satisfação, abrilhantada pelo Grupo Musical da Marcha dos Pescadores.

A alegria daquela gente humilde e boa, dos heróicos trabalhadores do mar, transbordava afectuosamente.

Falaram: Augusto Mendes, em nome desses pescadores; Humberto de Sousa, pela Comissão de Festas; Rui de Mendonça, pela «Gazeta do Sul»; o nosso director pelo nosso jornal; o reverendo Gonçalves dos Santos; e, finalmente, o sr. Presidente da Câmara.

Todos os oradores foram aplaudidos pela assistência piscatória que, como é hábito, se sentiam enlevados com a sua festa, — sem artifícios nem ostentações, mas repleta de sinceridade.

O almoço da Classe Piscatória fica sempre inolvidável, por isso mesmo.

A's 19,30 exibiu-se pela segunda vez o Grupo Folclórico de Santa Marta.

Foi, então, o momento de melhor se ouvir e se observar.

A exibição constituiu um verdadeiro prazer espiritual.

Toda ela perfeita, interessante, profundamente popular e portuguesa, foi um autêntico êxito.

A assistência aplaudiu frenèticamente e com toda a justiça.

O seu director, Dr. Sousa Gomes, foi vitoriado e, por vezes, como que numa glorificação.

«A Província», junta os seus aplausos aos dessa assistência e endereça ao seu ilustre director e a todos os componentes as mais sinceras felicitações.

A's 21 horas chegaram à Ponte dos Vapores as três Bandas do Concelho de Almada: Academia Almadense, Incrível Almadense, e Sociedade União Artística Piedense.

Recepção calorosa, amiga, impante de colorido intensamente familiar, ela demonstrou mais uma vez a estima que une os povos dos dois Concelhos.

Das janelas da Câmara falou o nosso director, para saudar mais uma vez a gente amiga de Almada e realçar os sentimentos dos montijenses para com os amigos almadenses.

Ao mesmo tempo, no restaurante «Talhadas» efectuava-se o jantar que o «Vespa Clube de Portugal» ofereceu à Comissão das Festas, «A Província», entidades oficiais, e Comissão instaladora do «Vespa Clube de Montijo».

Foi um jantar intimo mas bem significativo.

Discursaram o sr. Oliveira Marques, presidente do «Vespa Clube de Lisboa», que fez uma interessante prelecção sobre escoterismo, e o sr. Francisco Tobias, pela Câmara Municipal, que saúdou o novo organismo desportivo e afirmou que a Câmara via com o maior prazer o «Vespa Clube de Montijo» em organização e lhe daria, certamente, muito do seu apoio.

E o quarto dia das festas terminou com os concertos musicais pelas Bandas Almadenses e pela última exibição do Grupo Folclórico de Santa Marta.

Esta última exibição deu lugar a uma despedida afectuosa e a uma comovente cerimónia.

No meio de clamorosas ovações, a Comissão das Festas colocou no estandarte do Grupo uma fita comemorativa da sua visita a Montijo e da esplêndida actuação nas Festas Populares de S. Pedro.

E foi com intermináveis aclamações que o Grupo desceu do estrado e seguiu por filas de povo que o saudava com a maior ternura e simpatia.

Dia 1 de Julho

Dia culminante das festas!

Logo de manhã cedo, os «Cabeçudos e Gigantones», como em todos os dias festivos, percorrem as ruas e atordoam os circunstantes. Chegam vapores e comboios a abarrotar. Os auto-carros são às dezenas! Os automóveis particulares, às centenas!

Montijo regorgita!

Pelas 11 horas chegam os «vespistas» de Lisboa, Portimão, Vila Franca, etc. que foram esperados no Porto Alto pelos de Montijo.

Têm uma recepção estrondosa!

Dão a volta à vila e são recebidos na Câmara Municipal, onde lhes dão as «boas vindas» o Sr. António João Serra, vice-presidente, e o nosso director, em nome de «A Província».

O sr. Oliveira Marques, presidente do «Vespa Clube de Lisboa», faz entrega duma placa comemorativa da visita, o que provoca calorosas salvas de palmas.

Arrumadas depois as «vespas», seguiu-se um almoço volante e regional no salão da «1.º de Dezembro», onde reinou sempre a melhor disposição e o maior entusiasmo.

Cerca das 18,30 por entre alas compactas de povo, que deu exemplo de disciplina, acatando, prontamente as indicações dos poucos guardas do P. S. P., catorze ao todo, a quem foi entregue a manutenção da ordem, começou o desfile do cortejo de carros alegóricos e marchas regionais que por duas vezes percoreu as seguintes artérias: avenida de D. Nuno Álvares Pereira, praça da República, ruas de Almirante Reis e Machado Santos, praça 1.º de Maio, avenida de João de Deus e praça 5 de Outubro.

Abriam o cortejo as «vespas», seguindo-se os carros «Círio Novo» da povoação Alto Estanqueiro, e do União Atlético Clube Afonsoeirense, com um grupo de atletas. Depois sucederam-se os carros da Fábrica de Cerâmica de Nossa Senhora da Atalaia e do Externato do Coração de Jesus.

Um grupo de camponesas e ceifeiras do lugar de S. Francisco, com os seus trajos garridos, passou a cantar. Logo surgiu um carro representando uma casa do Algarve, de Francisco Bandeira, rodeada de amendoeiras em for, em volta das quais algarvias de palmo e meio cantavam e dançavam; até que surgiu o carro da União Piscatória de Montijo, com um barco, redes, anzóis e pescadores. Acompanhava-o o rancho dos pescadores locais. A casa Gabriel do Carmo enviou um carro representando as províncias de Portugal, com outras tantas raparigas vestidas com os trajos do Minho ao Algarve. Também a Fábrica Couraça apresentou um carro alusivo àquela indústria. O último carro era do Ateneu Popular de Montijo, muito bem ornamentado e com esta legenda desenhada num escudo: «Fazei mais do que souberdes». Fechavam o cortejo cavaleiros vestidos à andaluza, sevilhanas, um grupo de campinos dos ganadeiros Irmãos Oliveira, António Joaquim Alves Inácio, Casa Santos Jorge, Barata e Neches e António Branco Teixeira, de Coruche. «Zés Pereiras», «gigantones» e «cabeçudos» encerravam o interessante cortejo.

O juri, constituído pelas sr.as D. Judite Rosado e D. Maria Lucília Marques Peixinho e pelos srs. José da Silva Leite, Dr. Jorge Antunes, Manuel Giraldes da Silva, Rui de Mendonça, Álvaro Valente, José Estêvão de Carvalho e os jornalistas José Barão, de «O Século» e Armando de Aguiar, do «Diário de Notícias», e a quem foi conferida a presidência, decidiram proclamar vencedores os seguintes carros: 1.º, o Ateneu Popular de Montijo, 4.000$00; 2.º, «Provincias de Portugal», 2.500$00; 3.º o Externato do Coração de Jesus, 1.000$00; 4.º, o do Algarve, 500$00. Foram ainda atribuídas menções: especial ao carro dos pescadores e honrosa ao rancho de S. Francisco.

Multidões imensas, incalculáveis, enchiam as praças e ruas da nossa terra.

Nunca presenciámos uma coisa assim!

O movimento era espantoso, inacreditável!

Pelas 21, 30 as Bandas de Pinheiro de Azere-Santa Comba Dão, de Vila Franca de Xira e de Samora Correia iniciaram os seus concertos e as iluminações deslumbravam os muitos milhares de forasteiros pelos arraiais.

Depois destes concertos houve outra sessão de fogo.

Dia 2 de Julho

O número principal deste dia era a Marcha Luminosa.

Depois dos concertos pela Sociedade União Seixalense, de Seixal, Sociedade U. Agrícola, do Pinhal Novo, e Previdência, de Azeitão, essa Marcha Luminosa surgiu na

(Continua na pág. seguinte)

Discurso do sr. Presidente da Câmara no almoço à Imprensa e à Rádio, em 27 de Junho de 1956

Em continuação do nosso agradável convívio de hoje, tenho novamente oportunidade de proferir algumas palavras, não só para os dignos profissionais da Imprensa e da Rádio, a quem esta festa é especialmente dedicada, mas também para alguns outros amigos de Montijo que aceitaram deslocar-se aqui.

Dupla satisfação me invade a alma ao usar da palavra neste momento festivo.

A primeira, devo-a ao facto muito honroso de ser escutado por uma assistência inteiramente composta por homens que são mestres cotados da palavra escrita e não menos da oratória. Que maior honra poderia ser dada a um modesto lavrador, em contacto diário com a terra e que por força do destino é também o Presidente da Câmara Municipal da terra que lhe serviu de berço?

Esta reunião amiga, ao uso do Ribatejo, isto é, despida de protocolos, despretensiosa, mas sincera, sem iguarias invulgares, mas sãos produtos da região, constitui a nossa homenagem aos profissionais briosos, honestos, que com a sua boa vontade e competência, deram já a conhecer ao País o que são as Festas Populares de S. Pedro, em Montijo.

Em nome de Montijo agradecido pelos serviços que lhes deve, saúdo, pois, V. Ex.as e envolvo nesta saudação toda a Imprensa e Rádio portuguesas, valores altos ao serviço das causas da justiça, da equidade, do bem dos povos, das suas necessidades, dos seus anseios, numa palavra, ao serviço da Nação.

O segundo motivo da minha satisfação, é me proporcionado pela oportunidade — que nunca desperdiço — de falar de Montijo — deste rincão ribatejano que sinto apaixonadamente, que me absorve a juventude e que faz parte da minha vida.

A velha Aldeia Galega, numa irreprimível ânsia de actualização e progresso, mudou de nome — dir-se-ia que mudou de traje, modificou-se, cresceu, industrializou-se, e hoje surge-nos um importante e moderno aglomerado de mais de 22.000 habitantes que usa o nome de MONTIJO.

Este progresso, mais acentuado na última década, permite-nos hoje afirmar, no que respeita à actividade industrial, que aqui se abatem anualmente cerca de 80.000 suínos, dando ocupação a alguns milhares de operários em dezenas de fábricas de salsicharia que produzem as mais deliciosas e nutritivas especialidades no género.

Aqui estão instaladas muitas dezenas de fábricas de cortiça que tornam a nossa terra o primeiro centro corticeiro do País.

Destacam-se, no entanto, pela qualidade e quantidade dos produtos, as de aglomerados que se destinam quase exclusivamente à exportação.

Notáveis ainda, as florescentes fábricas de cerâmica, as mais modernamente apetrechadas de toda a região, e ainda a pesca e o sal, actividades tão características e tradicionais.

Por seu turno, a agricultura, ainda o sempre das mais importantes actividades, continua abastecendo mercados do País, em especial Lisboa, e mantém as tradicionais exportações, especialmente de batata, para o estrangeiro.

A actividade comercial não desanima e parece acompanhar o ritmo das restantes actividades, oferecendo à nossa terra novos estabelecimentos modernos que muito a valorizam.

Mas se fosse necessário apresentar-vos uma prova flagrante, concludente do valor e importância de Montijo, bastaria afirmar-vos que funcionam aqui florescentemente dois importantes estabelecimentos bancários e aqui se publicam dois jornais de publicação semanal que são dos mais importantes do País.

Quantas cidades portuguesas se podem orgulhar destes factos?

A nossa terra vive um período áureo, e ciosa do seu valor, quer cada vez mais e melhor. Não nos contentamos com pequenos melhoramentos de aldeia, as nossas aspirações são grandes, pois entendemos que a nossa terra também é grande sob todos os aspectos.

Quisemos um dia uma cadeia comarcã, amarra forte para a manutenção da nossa comarca e temo-la pronta a inaugurar este ano. Temo-la, sim, mas a melhor de toda a região.

Quisemos um Mercado e temo-lo já em acabamento, um edifício invulgar pela sua concepção arquitectónica e pelo seu valor. É o mais belo e mais importante de toda a região.

Quisemos um Palácio de Justiça e já o vemos em adiantada construção — o primeiro pavimento foi há dias coberto. Mas esse Palácio de Justiça, não tem par em todo o sul do Tejo, é um edifício situado no melhor local da Vila, verdadeiramente monumental e que importa em mais de cinco mil e quinhentos contos.

A iniciativa particular acompanha também o ritmo do progresso, fazendo surgir notáveis realizações.

Um dia Montijo quis também um cinema, mas não quis um cinema como qualquer outra terra, quis sim um edifício grandioso, monumental, com todos os requintes modernos, e a verdade é que o tem mesmo, quase pronto a inaugurar. Também as construções novas, especialmente na zona do Parque, são já edifícios grandiosos e modernos, porque Montijo assim o quer.

Mas Montijo que não pára de querer, deseja agora uma Praça de Toiros. Vê-la-á, sim, em breve, mas não será uma Praça qualquer, será uma das melhores do País, com lotação para seis mil e quinhentos espectadores e dotada dos mais modernos requisitos.

É assim a nossa terra. Demora a decidir, demora, por vezes, também a construir, mas sabe o que quer, porque só quer bom, grandioso, imponente e belo.

* * *

Falei daquilo que Montijo já possui ou está em vias de possuir, proveniente de si próprio, isto é, da acção do seu Município ou de outras entidades concelhias.

Mas esta Vila tem ainda outras grandes aspirações cuja realização depende do Governo da Nação, já pelo seu elevado custo, já porque são das atribuições do Estado.

Refiro como mais importantes a Escola Técnica, já solicitada a S. Exa. o Ministro da Educação Nacional por uma numerosa representação das chamadas forças vivas do concelho, com o alto patrocínio do Ex.mo Governador Civil e dos deputados no nosso círculo. As últimas informações garantem-nos que o assunto não foi esquecido, antes aguarda oportunidade que se aproxima.

* * *

Outro valor mais alto se alevanta ainda e sempre no rol das nossas velhas aspirações *a ponte sobre o Tejo, a grande ponte de Montijo ao Beato*, aquela que serviria o País, ligando num abraço fraterno o sul com o norte de Portugal.

Pelo que julgamos saber, já não está em dúvida a sua localização, tendo em vista o interesse geral, e também nada se opõe tècnicamente quando à sua realização. Subsiste, no entanto, o problema económico e perante ele temos de ceder, não com desistência, mas sim com a mesma esperança de sempre.

Entretanto surge o projecto da ligação das duas margens por *ferry - boat*, iniciativa do engenheiro António Belo que a prestimosa Casa do Ribatejo, aqui tão dignamente representada pelo Sr. Costa Santos, o homem que vive para estes problemas, perfilhou, e logo a Câmara Municipal de Montijo me encarregou de acompanhar e colaborar em tudo o que respeite ao assunto, o que me orgulho de ter feito, embora sem o brilho que seria de desejar.

Esta não é a solução ideal que só a ponte daria, mas a verdade é que poderia, entretanto, prestar preciosos serviços ao País.

* * *

Peço me desculpem estas considerações, quiçá inoportunas, pois estamos aqui em festa íntima e só deveríamos falar das Festas de S. Pedro, das suas maravilhosas ornamentações, da sua batalha de flores, da sua marcha luminosa, do seu fogo de artifício, enfim, do seu bem elaborado programa, cada vez maior, cada vez melhor.

Cabe aqui uma referência pequena mas muito sincera e significativa, ao denodado grupo de homens bons que Humberto de Sousa, um artista ao serviço da sua terra, comanda com maestria.

A sua acção conjunta, a sua boa vontade, o seu comum bairrismo, apresentam-nos anualmente, como que por milagre, estas Festas Populares de S. Pedro que um dia ousadamente denominei de «as maiores festas do sul de Portugal», denominação esta que mantenho cada vez com maiores razões.

* * *

Terminando, Senhoras e Senhores, renovo os meus agradecimentos aos ilustres representantes da Imprensa e Rádio, congratulando-me pela sua honrosa presença, e fazendo sinceros votos para que possam repetir por longos anos a habitual visita à grande vila de Montijo, para que a possam conhecer sempre melhor e assim poderem exaltar o seu progresso e as virtudes do seu laborioso povo.

A todos, muito obrigado.

Policiamento das Festas de S. Pedro

Ficaríamos de mal com a nossa consciência se não fizéssemos ressaltar no nosso jornal a forma como as nossas autoridades actuaram durante as nossas Festas.

Tanto a Polícia de Segurança Pública, como a Polícia do Trânsito e a Guarda Republicana, foram incansáveis nas suas funções.

Com a máxima cordura e calma, e sempre com poucos elementos, conseguiram que tudo decorresse o melhor possível.

Os nossos cumprimentos aos respectivos Comandantes e Chefes.

«A Província» pratica um acto de justiça com estas merecidas referências.

Camiões

— Os seguros aumentaram de 10 a 100 %. Se tem dificuldade em pagar a anuidade, pode pagar em 12 prestações mensais.

Agente em Montijo, Francisco José da Silva - Telef. 0/6 150.

— 2 LOTES DE TERRENO para construção, no Bairro da Bela Vista — Informa-se pelo Telefone 026452.

Festas P. de S. Pedro - 1956

(*Continuação da página anterior*)

Praça da República à hora marcada no programa: — meia noite.

Esta pontualidade permitiu que toda a gente pudesse assistir e conseguir transporte para suas casas.

A multidão era igual à do dia anterior, se não maior!

Um mar de cabeças por toda a parte!

E a Marcha foi outro sucesso, para juntar ao das decorações e iluminações, tudo da autoria de Constantino Lira, o artista a quem se deve muito do êxito das nossas festas.

Depois do percurso habitual, a Marcha recolheu e o dia festivo terminou.

Dia 3 de Julho

A's 21,30 a Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense, a Sociedade Filarmónica Humanitária, de Palmela, e a Sociedade Filarmónica Fraternidade, de Carnaxide, deram os seus concertos nos respectivos coretos.

Pela meia noite e meia hora a «Queima do Batel», no largo Dr. Manuel da Cruz, punha termo às festas.

Nos dias 6, 7, 8 e 9 a Feira continuou e no bazar da Comissão das Festas procedeu-te à liquidação das inúmeras «prendas».

As Festas Populares de S. Pedro de 1956 terminaram e já passaram sobre elas alguns dias.

Apetece-nos gritar, como se ouvia pelas ruas de Montijo, «até para o ano», «até para o ano».

Antes, porém, queremos dizer, ao encerrar esta reportagem, — pálido reflexo de quanto se passou —, que «A Província», jornal montijense por excelência, se confessa satisfeita e orgulhosa pela maneira como tudo decorreu e pela magnificência da realização de todo o programa.

Não só não enganámos ninguém com a nossa propaganda, como ficámos muito para cá da realidade.

Felicitamos a Câmara, a Comissão, felicitamos quantos intervieram, felicitamos Montijo, felicitamo-nos a nós mesmos pelo indiscutível sucesso que a todos glorificou.

Visitas e Cumprimentos

Durante as nossas Festas Populares de S. Pedro tivemos a honra de receber a visita e os cumprimentos de inúmeros assinantes e amigos.

Uns, vieram para nos cumprimentar e felicitar pelo número especial de «A Província», publicado por ocasião dessas festas; outros, vieram pela primeira vez até nós, para nos visitar e para se inscreverem como assinantes.

A uns e a outros agradecemos, reconhecidos, a deferência e a gentileza.

Entre todos, destacamos:

— O nosso conterrâneo, querido amigo e assinante, Dr. Jorge da Costa Antunes, que nos veio agradecer as referências que lhe fizemos em vários números de «A Província», absolutamente justas e merecidas; o sr. Afonso Nunes Gomes, da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses; o sr. Mendo Saraiva Lobo, confessando-se muito penhorado pelas referências do nosso número especial; a Direcção do Moto Clube de Lisboa, com seus cumprimentos afectuosos; a Sociedade Filarmónica Lealdade Pinheirense (a única que teve esta amabilidade) que veio apresentar seus cumprimentos à nossa sede; o nosso colaborador João Calazans; o jornalista Bonifácio Antunes; o sr. Joaquim da Fonseca Junior, que nos comunicou de seu carro alegórico e dos cumprimentos que o mesmo nos faria ao passar pela nossa redacção; o nosso correspondente em Alhos Vedros, sr. Alfredo Carlos Penedo; o nosso assinante sr Artur Godinho, de Lisboa; o nosso querido amigo e colaborador, sr. José dos Santos Marques, e sua Esposa, etc., etc.

«A Província» regista as manifestações de simpatia de tantos e tantos amigos e afirma-lhes, mais uma vez, que procurará corresponder, quanto em suas forças caiba, à expectativa e atenções com que a rodeiam.

Record Sensacional!

1 Milhão em circulação!

Atestando a preferência que todo o mundo dá à

VESPA

O PRIMEIRO SCOOTER DO MUNDO

Agentes Exclusivos:

MARPAL, L.DA

MONTIJO

Os Pombos de Lisboa

Lisboa, rainha da Europa, debruçada sobre o Atlântico — janela aberta para o Novo Continente, possui um clima tão favorável que até os pombos vivem regularmente nas ruas, nas suas praças públicas.

No Rossio, no Largo do Carmo, junto às ruínas da sua igreja, na rua do Crucifixo, na Praça do Comércio, e no Corpo Santo, estas simpáticas avezinhas aladas, símbolos da pureza, da Paz e do Espírito Santo, vivem e multiplicam-se em franca camaradagem com os seus múltiplos bemfeitores que, regular ou irregularmente, acorrem a essas artérias da capital, em pleno coração da cidade, a darem-lhes qualquer alimento, porque os pombos de Lisboa apenas vivem da caridade pública...

Contudo, excepto alguma dessas aves já idosa a que as fracas forças não permitem frequentes voos dos beirais ou da base das estátuas, para descerem a partilhar dos óbolos da caridade do transeunte, os pombos de Lisboa são geralmente anafados.

Antes de traçar estas linhas, duma reportagem original sobre a vida dos pombos das nossas artérias públicas, tentei investigar da sua origem naqueles locais. Foi, contudo, trabalho vão. Em que século, quando se notaram os primeiros pombos na via pública da nossa cidade? Não se sabe. E cheguei à conclusão mais verosímil que um dia, em tempos remotos, um pombo e uma pomba, ansiosos de liberdade, daquela liberdade tão querida dos homens, fugiram dalgum pombal e vieram fazer ninho entre os homens, ali mesmo na via pública, nos beirais dos seus telhados, como a dizerem: queremos viver convosco, porque nós somos a paz, aquela paz de que vós tanto necessitais. E na paz de Cristo se multiplicaram como que a espalhar por entre eles esse estado de espírito vindo do Alto.

Hoje, abrigam-se nos altos relevos do frontão do Teatro Nacional, do Rossio, quando não é no pedestal da estátua do rei D. Pedro IV, ou irreverentemente na cabeça do próprio rei.

E nesta vida de liberdade, os pombos da nossa cidade apenas conhecem dois inimigos: a alimentação um pouco contingente e o frio rigoroso da invernia!

Entretanto, os pombos de Lisboa continuam a esvoaçar através das nossas praças públicas, despreocupadamente, como a simbolizar a bondade deste povo que só anseia pela paz!

Aníbal Anjos

FOLHAS AO VENTO...

Sempre que a um infeliz se antevê a possível aproximação de um bem, ele exulta de contentamento e sente a alma ficar em festa.

Há muito, infelizmente, quem prometa e sempre falte, tornando assim bem amargurada a vida daqueles que necessitam e depositam certa esperança nos que, sem piedade, vão alimentando a doce esperança dum próximo bem estar.

Houve em tempo um pobre homem aventureiro que em determinado momento se viu perdido num deserto. Caminhou, caminhou durante alguns dias sobre pesados raios de Sol e em noite de chuva, cheeinho de fome e sede, já quase sem forças para se mover. Em determinada altura nasceu-lhe na alma grande esperança: Acabava de divisar a distância uma luzinha, facto que desmonstrava a existência ali de entes vivos e que o poderiam socorrer. Chamou a si o resto das poucas forças e foi encaminhando seus passos vagarosos até ao salvador farol. Uma vez ali chegado, deparou-se-lhe um casebre, construído em tosca madeira e com uma espécie de janela, através da qual passava a débil luz de uma candeia de azeite. Bateu, bateu, e demorou que lhe aparecesse uma anciã a inquirir de que se tratava.

— Sou um pobre ente perdido, que vos pede socorro!

— Entre e seja benvindo..

— Venho cheio de sede e de fome ..

— Não tenho pinga de água, nem que lhe dê de comer... Há muito que me habituei a comer durante três dias, que é o tempo que meu marido leva a ir em busca do que necessitamos e voltar, para se demorar cá três dias.

— .. mas demorará muito?

— Partiu esta manhã...

O esfomeado e sequioso viandante perdido, sentiu passar-lhe um grande calafrio pela espinha. Voltou a sair, cabisbaixo, dizendo que, nesse caso, teria de ir mais além.

E o desgraçadinho lá se foi, arrastando-se muito a custo e mais morto do que vivo, em busca de outra casita onde fosse mais feliz. Quando ia já a algumas dezenas de metros, ouviu a velhota gritar-lhe:

— Oh! seu homem, venha cá.

Foi uma alma nova que ele sentiu dentro de si, parecendo-lhe que as forças lhe aumentavam para vencer de novo o caminho que os separava.

— Vocemecê gosta de pão com chouriço?

— Gosto, sim! — e o desgraçadinho começou desde logo como que a saborear o chouricinho entalado no pão.

— Pois, nem isso cá tenho!

Não me disseram se o homenzinho morreu nessa altura ou se ainda conseguiu resistir. O que sei, leitor, é que muitas vezes mais valor tem um não do que verem-se alimentadas determinadas esperanças que não passam de esperanças sem esperança...

Zé dos Anzóis

Poetas de Portugal

«As tuas mãos maneirinhas»

Cântico do meu sonhar

As tuas mãos maneirinhas,
Pequeninas, de menino,
Ao vê-las junto das minhas,
Nelas vejo o meu destino.

Em tuas mãos maneirinhas
A minha vida depus;
Se as tuas mãos não são minhas,
São fachos da minha luz...

Vivo num sonho encantado!
Feliz!? — que bem adivinhas! —
Quando contemplo a meu lado
As tuas mãos maneirinhas...

Manuel Giraldes da Silva

Pela Imprensa

— Completou no dia 1 do corrente 26 anos de existência o nosso colega local «*Gazeta do Sul*». Entra agora no seu 27.º ano de vida jornalística, o que representa uma idade já muito respeitável para que os nossos cumprimentos, — os cumprimentos dum recém nascido —, sejam do maior afecto e veneração.

Felicitamos, pois, a «*Gazeta do Sul*», o seu Director, o corpo redactorial e todos que ali trabalham, e afirmamos-lhes a nossa indefectível solidariedade.

Muitos anos e cada vez mais prósperos, — são os votos de «A Província».

— Completou 22 anos de existência o nosso colega «*Notícias do Douro*», que na Régua se publica, sob a Direcção do Sr. José Nogueira Gomes.

Cumprimentamos e desejamos que a existência se prolongue por muitos e dilatados anos.

— Entrou no 38.º ano da sua existência jornalística, «*O Figueirense*», que se publica na Figueira da Foz e de que é Director J. Gomes de Almeida.

Felicitamos e desejamos as melhores prosperidades por anos infinitos.

Publicações Recebidas

— **Breviário do Funcionário Civil** — *A. C. Amaral Frazão* — 1956.

Duma utilidade manifesta, o breviário de Amaral Frazão é também o espelho duma consciência recta e duma alma justa ao serviço dos que mourejam o pão de cada dia pelas repartições e pelas secretarias do Estado.

O prefácio vale pelo livro. É uma autêntica cartilha de princípios e de conselhos, uma formidável colectânea de considerações jurídicas e sociais que muito aproveitam a quantos *servem*, como funcionários, nos vários serviços públicos.

Após o valioso prefácio, segue-se o breviário.

É tudo quanto pode interessar ao funcionário civil ali está coligido, alfabeticamente, ordenadamente, para seu uso e conhecimento.

É, pois, um trabalho de muito merecimento que, além do seu evidente préstimo, honra o autor.

Agradecemos os exemplares enviados e cumprimentamos com todo o afecto e simpatia.

— **Gazeta Literária** — Revista mensal - n.º 45 - vol. IV — *Porto*.

É seu Director Mário do Amaral que, desde a homenagem a Sampaio Bruno até o Panorama, bem demonstra a criteriosa direcção que imprimiu ao número actual, como já se depreendia dos números anteriores.

A Gazeta Literária está ocupando um lugar de admirável destaque na cultura portuguesa.

Os nossos agradecimentos pelo exemplar e a certeza da nossa incondicional admiração.

— **Plateia** — Revista Popular de Cinema - n.º 126 — *Director Baptista Rosa - Lisboa*.

O presente número é a continuação da primorosa galeria cinematográfica que a Revista vem traçando há anos.

Capa sugestiva, assuntos palpitantes da tela, ilustrações em barda.

Em separata, gravura de Luís Mariano.

Muito obrigados pela gentileza da remessa.

— **Boletim Económico e Financeiro** — N.º 5 - ano 26 - Maio — *Lisboa*.

Para os clientes do Banco Português do Atlântico; Carteira de Títulos, Comércio Externo, Vida Financeira das Empresas, Pagamento de dividendos, etc.

— **Boletim do Porto de Lisboa** — Ministério das Comunicações — *Director Dr. Raúl Humberto da Lima Simões* — N.º 64 - *Lisboa*.

Resumo de movimentos portuários, legislação, aguarelas de Lisboa e do seu porto, etc.

Agradecidos aos dois Boletins pela amabilidade.

— **Rodoviária** — *Director Oliveira Santos* — N.º 10 — *Lisboa*.

Continua esta Revista singrando, com notável merecimento. O número presente, com cinco páginas dedicadas às nossas Festas, é verdadeiramente primoroso e tem direito ao nosso incondicional aplauso.

«Rodoviária» impõe-se dia a dia e cada vez mais se engrandece e prospera. Os nossos afectuosos cumprimentos e a maior simpatia pela obra em realização.

— **Rádio Nacional** — Semanário Popular.

Recebemos, pela primeira vez, a visita deste semanário de que é Director Diniz Bordalo Pinheiro.

Agradecemos e gostosamente vamos permutar.

— **Festa** — O único jornal ao serviço da Festa de Touros —, publicou, em 22 de Junho, o número especial do seu primeiro aniversário.

Este número especial merece, efectivamente, uma referência também especial, pois não podem ser indiferentes aos que labutam na Imprensa os factos mais notáveis do seu decorrer.

O número de que falamos, é sem dúvida um facto notável, pela sua apresentação, originalidade, colaboração, aspecto gráfico, conjunto sobremaneira agradável e valioso.

Somos dos que gostam de ver os confrades bem colocados e, com razão, merecedores dos gerais encómios. A Festa marcou com este seu número especial. Está de parabéns o seu Director Gentil Marques; mas estão também de parabéns todos os que fazem parte desta grande família, pois podemos dizer com inteira verdade que o número apresentado ilustra e honra a Imprensa Portuguesa.

Duplas felicitações, portanto: Ao Director da Festa e ao Jornalismo de Portugal.

E infinitas prosperidades e muitos aniversários incontáveis, — são os votos de «A Província» amiga.

MONTIJO

DESPORTOS

Basquetebol

Festival no Ginásio do F. C. Barreirense

(ATRASADO)

Na passada quinta-feira, dia 21 de Junho, realizou-se no recinto acima um Torneio Relâmpago em que intervieram as seguintes equipas amàvelmente convidadas pela equipa organizadora, o Barreirense: Montijo, Cuf,—Luso e Barreirense.

É dos encontros disputados que vamos dar uns breves apontamentos.

No primeiro jogo, defrontaram-se o Montijo e o Barreirense com vitória deste por 49-21. Tarefa ingrata para o Montijo e que desde logo ficou a perdurar a eliminação.

A nossa equipa que deslocou os jogadores Adelino, Adriano, Pinto, Teodemiro, Tomás, Luciano, José Maria Barrelas, Cosme e Acácio, fez-se alinhar de início com os cinco primeiros.

No primeiro tempo, em que também foram utilizados Luciano e José Maria, o resultado foi de 17-15 a favor do Barreirense.

Foi interessante a réplica oferecida pelo Montijo à segunda equipa portuguesa do momento. Com Teodemiro como reforço nas tabelas e Tomás a acertar na meia distância, a equipa deu razoável conta de si, chegando até a surpreender o Barreirense com o empate a 15-15.

Ao segundo tempo, prevaleceu a superior condição física do Barreirense e consequentemente a sua superioridade técnica em todos os capítulos. Nesta meia parte, além dos jogadores citados, foi também utilizado Barrelas.

2.º Jogo — LusoCuf — Vitória do Luso por 26-17.

Jogo insípido a revelar a má forma das duas equipas. Nada de especial se registou neste Luso-Cuf de tradicional rivalidade. Quer-nos parecer que as equipas estranhas ao Ginásio e a defrontarem-se entre si, sentem demasiado a grandiosidade da obra, reflectindo-se esse acanhamento na produção de qualidade do seu jogo.

Final — Barreirense - Luso — Vitória do Barreirense por 97-45.

Jogo emocionante no aspecto até onde chegaria a marcação do Barreirense. O Luso, que há anos discute a supremacia do Basquetebol setubalense, deve ter ficado irremediàvelmente condenado ao segundo posto e disso absolutamente convencido. Além do mais foi um fraco opositor ao Barreirense.

Este jogou como um senhor grande, um senhor absoluto.

As suas peças mecanizaram-se com uma certeza e um ritmo impressionantes.

Valente, J. Macedo, Ferreira, Climaco e A. Macedo, foram essas peças dum motor que atinou como talvez nunca. José Macedo, «30 pontos», oportunissimo no contra-ataque e Valente «37 pontos» nos assaltos foram as figuras dominantes do Barreirense, mas os mais perfeitos não esses e sim Climaco e Ferreira.

Os modelares lançamentos de meia distância de Climaco, a sua técnica individual e os magníficos cestos de Ferreira obtidos com a mão esquerda e depois de excelente rotação do tronco e finta de pés, ficaram como sendo os melhores momentos do Festival.

Do Luso sòmente alguns pormenores de Tanganho e a voluntariedade de Cabrita «onde está o seu excepcional poder de realização?» nos feriu a atenção.

O resto pobre, pobre demais para uma equipa que acabou de disputar o campeonato do Sul da 1.ª divisão Nacional.

Sobre as arbitragens, regulares na generalidade.

Num dos intervalos foi elogiada a comparência das equipas convidadas e em termos especiais foi feito o elogio à turma montijense.

Ficámos gratos pelas palavras enviadas assim como da ovação recebida e fazemos votos pelo engrandecimento do Barreirense, clube amigo que se pode orgulhar de ter uma das melhores obras da Península, o seu Ginásio.

E assim acabou em bem mais uma festa que a palavra DESPORTO encimou no mais alto significado que a sua acepção encerra.

Luciano Mocho

Figuras do Desporto Motorizado

Iniciamos esta galeria de honra com o nome de António Agostinho da Silva, um jóvem *vespista* que muito se tem evidenciado e que será, estamos certos, um elemento de grande valor num futuro próximo.

A Vila de Montijo

Estudo histórico-monográfico, social e económico, incluindo completas reportagens retrospectivas e da actualidade.

Toda a vida comercial, industrial, artística, social e mundana de Montijo.

Milhares de fotografias. Dezenas de separatas em tricomia. A mais completa e luxuosa obra feita até hoje sobre a Vila de Montijo.

Uma obra para os jovens aprenderem a amar a sua terra.

Uma obra para os velhos recordarem com emoção.

Uma obra para todos guardarem com religioso carinho.

A vida de Montijo; a vida dos seus habitantes; a vida das suas instituições.

Tudo numa só obra. Uma só obra para tudo.

Fascículos mensais de 18 páginas, impressos a várias cores, em papel especial, e com uma separata em tricromia.

Se ainda não recebeu o Plano e Condições de Venda desta Edição Monumental, peça hoje mesmo aos

Depositários e Distribuidores Exclusivos

REPAL, LIMITADA

Praça Gomes Freire de Andrade — Telef. 026378 — MONTIJO

Que lhes enviarão gratuitamente e sem qualquer compromisso um lindo Folheto de propaganda com a descrição de toda a obra.

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junípero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204—9

MONTIJO

Ao Minho e Galiza

Viagem a Coimbra, Porto, Vigo, La Toja, Corunha, etc., de 5 a 13 de Agosto, cedem-se 3 lugares por motivo de doença.

Nesta Redacção se informa.

Columbofilia

Vilar Formoso - Montijo, 283 Km. - Taça Comissão das F. de S. Pedro

Vencedor: Víctor Manuel Martins Viegas

(ATRASADO)

Razão tinha o Victor, quando na última entrevista nos disse: até domingo, que espero vencer. A sua previsão conformou-se, e como não podia deixar de ser, combinámos a habitual entrevista, a quarta que o nosso amigo venceu esta temporada.

— Ele nos diz: a continuar assim, espero igualar as seis vitórias da campanha finda, porque faltam quatro concursos e espero vencer mais duas tiradas.

— Mostras preferências em vencer alguma prova?

— Sim, tenho um grande desejo em vencer Alicante. Como me sentiria orgulhoso que fosse uma ave minha a primeira que ligasse o Mediterrâneo ao Tejo, cujo percurso é superior a 700 Km.! Recorda-me a campanha finda, em que o meu campeão venceu Miranda do Ebro, conseguindo uma das melhores médias nacionais.

— Julgas que as nossas aves são inferiores às de Lisboa?

— Qual história! Isso é dar ouvidos aos incrédulos dai as inúmeras ofertas que recebo de amadores lisboetas, para vender aves de minha colónia, cujas médias não têm ultrapassado as nossas.

— Mas consta-nos que vendeste algumas aves para Lisboa?

— Sim, é verdade, vendi oito. Decidi-me vender porque a oferta foi tentadora e como tenho o pombal super-lotado, entendi dar lugar às aves novas, que penso revelar na próxima campanha.

— Poderás informar os leitores de «A Provincia», de quem foi o seu comprador?

— Direi que foi um categorizado amador lisboeta, que também me quis comprar os reprodutores.

— Para terminar, desejas dizer, mais algumas palavras?

— Estou muito satisfeito como a campanha tem decorrido. Esta época somos menos, mas melhores. A feliz ideia da entrega dos prémios monetários na semana seguinte ao concurso tem contribuido para maior desenvolvimento da modalidade. Também a distribuição dos prémios das duas últimas campanhas, nos encheu de júbilo, porque andávamos descrentes das nossas possibilidades.

— Victor, tenho uma surpresa para te revelar. Os membros da comissão organizadora de fundos, da qual faço parte, estão envidando todos os esforços para que no próximo mês de Agosto sejam entregues os restantes prémios desta campanha.

— Que assim seja, é o nosso maior desejo. A ti, quero-te agradecer todo esforço que tens feito em prol da columbofilia local, e que o teu entusiasmo não arrefeça, assim como ao brilhante semanário «A Provincia», que desde a sua fundação tem contribuido para os momentos de euforia, que vivemos actualmente, e que tão esquecido têm sido na imprensa.

— Nada tens a agradecer, estamos sempre ao dispor da columbofilia.

Classificação

Victor M. Martins Viegas, 1.º, 4.º, 16.º, 18.º e 20.º; João Teodoro da Silva, 2.º e 8.º; Raul Lopes Martins, 3.º e 4.º; Cristiano J. Moreira, 5.º e 7.º; Jorge Sotano Lopes, 6.º; Aldemiro Eduardo Borges, 9.º; António Fonseca Nunes, 10.º; Francisco J. Viegas Castro, 11.º; António Correia, 12.º; José Martins Barros, 13.º; Custódio V. S. Silva, 14.º; João Santos Amaral, 15.º; António J. L. Catita, 17.º.

Eduardo Baeta

VESPA CLUBE DE LISBOA

As realizações do V. C. L. têm sempre uma grandiosidade e uma alegria que esta fotografia de uma parte da assistência ao almoço de Colares, no qual participaram mais de 250 vespistas, bem documenta.

Os Vespas Clubes espalhados pelo mundo constituem só por si uma obra de alto significado social. Todavia o V. C. L. não se limita a verificar o facto, organiza ele próprio vários empreendimentos de carácter social. — A fotografia mostra os filhos dos seus sócios a quem foi oferecida uma simpática festa do Natal e muitos brinquedos.

Do Minho ao Guadiana

ESTREMOZ

Bombeiros Voluntários

No sentido de podermos dedicar algumas palavras sobre a Vida da Corporação de Bombeiros Voluntários, desta cidade, fomos amàvelmente recebidos pelo seu Comandante, Ex.mo Sr. Abílio Augusto Maleitas de Jesus, pessoa de extrema correcção e de muita competência.

Feita a apresentação, como correspondente do jornal «A Província» e como antigo comandante de Bombeiros, fácil foi conseguir aquela intimidade própria dos que lutam pelo bem da humanidade.

Com toda a gentileza, o comandante Maleitas coloca-se à nossa disposição, a fim de nos informar quais os valores morais e materiais com que a Corporação conta e que muito dignamente comanda à 12 anos.

O Comandante declarou:

— Muitas dificuldades, como deve calcular; e quem as não tem nesta época, em que as organizações de interesse público se encontram em plano inferior e esquecidas por parte das pessoas que, de um momento para o outro necessitam do seu auxílio?

A luta é constante. Promovem-se festas, rifas e outras diversões, com o fim de se angariar receitas, para suprimir os encargos; e muitas são as vezes que os resultados não são satisfatórios, acentuando-se assim uma indiferença pela Corporação dos Bombeiros, que está sempre pronta e firme a defender os haveres de toda a população da cidade.

É lamentável que lhe diga, mas, infelizmente, é assim. Numa cidade como a nossa, a Associação tem apenas 180 sócios, mantendo-se com o subsídio entregue pela Câmara Municipal.

O Comandante continua e diz:

— Em 1955, a Corporação desempenhou um papel muito importante, actuando em 17 incêndios, todos agrícolas! Foi uma luta bastante agitada, principalmente por motivo da falta de água.

Há necessidade absoluta de um Auto-tanque, porque a maioria dos incêndios, nesta região, são nos campos, onde é difícil encontrar água.

Temos também a falta de uma ambulância para transporte de doentes, e até me parece que será a única Corporação de Bombeiros do país que se encontra nestas condições! Isto, para uma cidade como Estremoz, que devia ter orgulho em possuir uma Corporação de Bombeiros completamente apetrechada do material necessário!

O material que presentemente temos é: um Pronto Socorro pesado (Dodge), provido de uma bomba magyrus, com motor D. K. V.; 700 metros de mangueiras de diferentes calibres; uma agulheta cometa para espuma; dois tanques de lona para mil litros de água; escadas de ganchos e mais material diverso; uma moto-bomba, rodada, marca Denis, potência 70 c., de 4 polegadas; duas saídas, 160 mil litros por hora; um Jeep para transporte de pessoal e rebocar a moto-bomba; e um Chevrolet, para transporte do comando e pessoal.

A Corporação encontra-se bem equipada, possuindo duas ordens de fardamentos, — cotim, para serviço, de fazenda, para cerimónias, e possui capacetes de metal.

A organização do corpo activo é assim:

Comandante e um ajudante, um chefe, três sub-chefes, oito Bombeiros de 1.ª cl., quatro Bombeiros de 2.ª cl., dez Bombeiros de 3.ª cl., dez aspirantes, e três motoristas.

Por fim o Comandante Maleitas, a quem se deve a organização do corpo activo, disse: que se sentia orgulhoso por possuir Bombeiros competentes e disciplinados.

Ao terminar a série de informações do Comandante Maleitas, agradecemos em nome do jornal «A Província» a amabilidade dispensada, e desejamos-lhe que a Corporação do seu comando consiga vencer as dificuldades presentes. — (C).

Alhos Vedros

Academica Musical Recreativa 8 de Janeiro

No passado dia 23 de Junho, foi inaugurada em Alhos Vedros a esplanada desta Colectividade Recreativa, proprietária do Cine-Teatro desta Vila.

A sua inauguração deve-se a uma comissão de sócios a que preside o Exmo. Sr. Francisco de Almeida Reixa, auxiliado pelos Srs. João Lima Correia, Lario João Viegas, Manuel Bento Cabrita, Arnaldo Santos Morgado, Luciano Manuel B. Rosa, António Pires Estudante, Artur Nogueira Piedade, Delmiro Santos Fatia, Agostinho Araujo Fonseca e Joaquim Rosa Carvalho.

A inauguração desta esplanada foi assinalada com um Baile abrilhantado pela Orquestra Penicheiro Jazz.

À direcção e Comissão da Academia Recreativa enviamos os nossos parabéns e os agradecimentos pelo amável convite ao nosso Correspondente nessa laboriosa Vila.

Santa Casa da Misericórdia

A Mesa Administrativa, em estreita colaboração com a Comissão de Festas, organizou no passado dia 12 do mesmo uma festa de beneficência no largo fronteiriço à Misericordia, que se encontrava vistosamente ornamentado, a fim de angariar fundos para as obras de ampliação do Hospital da Misericórdia.

A Festa decorreu muito animada e teve a colaboração do Conjunto Musical José da Silva.

Às 0 horas procedeu-se ao leilão de bolos oferecidos, os quais foram arrematados por interessantes quantias.

A mesma Comissão propõe-se realizar mais algumas festas a favor da referida instituição de beneficência, pelo que pede a toda a população da risonha Vila de Alhos Vedros a sua inteira ajuda nesta magnífica obra de assistência Social, que todos os Alhosvedrenses engrandece. — (C.)

Beja

Os concursos de trajo e canto

Terminaram na véspera de S. Pedro, em ambiente de franca apoteose, «As Festas Folclóricas da Cidade», em boa hora levadas a efeito por uma comissão de individualidades estreitamente ligadas à causa do folclore sul-alentejano, sendo os seus lucros destinados a auxiliar as Cantinas Escolares do distrito.

Realizaram-se nessa noite, na verbena do Estádio Municipal e depois de alguns anos de interregno, os tradicionais concursos de trajo e canto alentejanos, fazendo-se representar neles as seguintes localidades: Barrancos, Alvito, Safara, Peroguarda, Cuba, Entradas, Odemira, Moreanes, Serpa, Neves, Mina de S. Domingos e Aljustrel.

À noite, perante os júris e na presença de numeroso público, esses grupos entoaram melodiosamente as canções regionais do seu reportório.

Acabadas as exibições, os júris reunidos resolveram classificar os «ranchos» do seguinte modo:

Cantares: 1.º, Cuba; 2.º, Mina de S. Domingos; 3.º, Serpa.

Trajos: 1.º, Peroguarda; 2.º, Serpa; 3.º, Entradas.

A fechar, exibiu-se a «Marcha Popular do Atlético Clube de Moura» que, por não ter concorrente, recebeu a taça destinada ao 1.º lugar. — (C.)

Vila Franca de Xira

Exposição de pintura

No dia 7 do corrente, inaugurou-se nas salas da Biblioteca-Museu Municipal desta Vila, uma interessante Exposição de Pintura do artista ribatejano Augusto Bértholo, a qual estava integrada no programa da Festa do Colete Encarnado e se conservará aberta até ao dia 12.

Este número de «A Província» foi visado pela CENSURA

A Vida

JOÃO DE DEUS

(Flores do Campo)

(*Continuação da última pág.*)

em Direito na Universidade de Coimbra em 1859, mas só abandonou a cidade em 1862, levando vida académica e boémia durante esses três anos. Foi um lírico inegualável na nossa poesia, possuindo a arte «de dizer coisas belas em frases simples e de plenas harmonia». O seu livro «Campo de Flores», donde extratámos a poesia «A Vida», — uma das mais conhecidas —, é um verdadeiro tesouro da lírica portuguesa. E' dele também esse monumento imperecível chamado «A Cartilha Maternal», que as cortes de 1898 declararam método de leitura nacional, e que, não obstante os modernos processos pedagógicos, ainda hoje presta relevantes serviços à Causa da Instrução.

Faleceu em Lisboa a 11 de Janeiro de 1896, depois um ano da apoteose que a mocidade das escolas lhe promoveu a maior manifestação de todos os tempos, numa consagração sublime e comovente. Junqueiro escreveu acerca do «Campo de Flores»: «Campo de estrelas, jardim sideral, lírio de luz inocente, a que mil milhões de anos não roubarão uma pétala»!

A grandeza espiritual da sua obra resulta na naturalidade que toda a impregna, da falta de artificialismo, da sua alma simples, bondosa em extremo, duma limpidez cristalina que se há-de impor pelos séculos fora a quantos amam Portugal e a sua linguagem poética.

N.º 14 Folhetim de «A Província» 12-7-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

A gerência, de princípio, não fez caso. Convinha-lhe o engenheiro. Ele fora o impulsionador dos projectos e plantas, era pessoa sabedora e competente; e, além do mais, estava ainda aparentado com um dos sócios.

Mas, como as intrigas continuassem, chamaram-no ao escritório central:

— Engenheiro! Que diabo se passa nas obras da fábrica?

— Que eu saiba, nada de extraordinário.

— Temos conhecimento de que os operários andam descontentes, um pouco revoltados...

— Ah! Sim. Houve qualquer coisa com o «encarregado», — interrompeu o engenheiro; mas cortei logo o mal pela raiz, fazendo justiça e dando razão a quem a tinha... Não comunique os factos porque eram insignificantes e diziam respeito sòmente às minhas atribuições.

Os da gerência ficaram perplexos.

— Mas nós julgámos o contrário...

— O contrário?

— Sim. Supúnhamos que o descontentamento era contra si...

— Andam mal informados, pelo que vejo. Esse sr. Morais, — o encarregado das obras, trata o pessoal sobranceiramente e às vezes até com incorrecções. Outras vezes, pratica injustiças, prejudica os operários nos salários que lhes pertencem. Ora eu não admito qualquer dessas coisas. Entendo que o operário deve ser tratado com afabilidade, porque é humano e porque é ele que mais produz; e por isso e pelo mais merece o nosso respeito. Entendo ainda que tem direito a receber o produto do seu trabalho, sem que o explorem.

Se os senhores também assim entendem, muito bem; se não o entendem assim, terão que procurar outro engenheiro.

— Não é caso para «ir às do cabo» tão depressa, — replicou o mesmo sócio. Nós também não queremos violências nem tiranias; mas não podemos repelir quem defende os nossos interesses...

— E os senhores acham que esse encarregado os defende?

— Sempre o tem demonstrado e goza da fama geral.

— Então querem os senhores dizer na vossa que sou eu quem os prejudica, não?

Os três sócios entreolharam-se e perceberam que iam por mau caminho; e então, o que era parente afastado, apresssou-se a intervir:

— Não. Não era isso que o meu sócio queria dizer. O que ele queria dizer, era que devias defender os nossos interesses e não os dos operários. Que diabo! Somos o capital...

— Eu não defendo interesses, — retorquiu o engenheiro, já muito acalorado. Cumpro o meu dever e procuro fazer justiça! Os senhores, — os do capital, têm a mira nos lucros... e é legítimo, é natural. Porque é que os operários, sem os quais os senhores nunca obteriam esses lucros, não hão-de também tirar o produto do capital que empregam, isto é, do seu esforço, do seu trabalho? Por acaso acharão bem que eles trabalhem e não lhes paguem?

— Quem é que disse tal heresia? — continuou o outro. Nem nós precisamos, felizmente! Mas uma coisa é pagar a quem trabalha e outra é não perdoar qualquer bocado que vá além da hora. Sempre se viu, em todos os tempos, um operário acabar certo serviço depois da hora e nada mais receber.

— Não é justo, tenham paciência. Tudo isto é por causa das horas extraordinárias, estou a ver. Pois bem. Discutamos o caso: — Os senhores querem, e eu também quero, ouviram? — que os operários estejam à hora prefixa para o início do trabalho. Se eles vêm um pouco mais tarde, cinco minutos que seja, já entendem que se lhes deve descontar um «quartel», como eles dizem; e até, se forem reincidentes, entendem que deve perder o dia. Com que autoridade se lhes exige depois que trabalhem sem remuneração além da hora de saída?

(CONTINUA)

Poesia e Poetas

Página sem pretensões

JOSÉ DURO

O mais esquecido dos poetas portugueses

Quando me propus a ler esse talentoso poeta de que Portalegre foi berço e a sorte madrasta, pouco ouvira falar da sua obra, que aliás se resume a dois livros. Todavia, como ele, já bebera pelo amargo cálix do sofrimento. Talvez por esta razão, o seu único livro que conheço tocou profundamente a minha sensibilidade.

Bondou-me, na verdade, esse *soturno* «Fel», pavoroso grito de revolta, sincero, doloroso, comovente, do homem que sente a Morte, altiva e soberana, a espicaçar-lhe o corpo implacàvelmente, para eu admirar sobremaneira o «poeta da Dor».

José Duro, de sua graça. Dir-se-ía que um estranho anátema, lançado por mão ignóbil, fizera coincidir com o apelido que por hereditariedade lhe fora dado, a brutal e trágica epopeia da sua vida.

Duro no nome; duro todo o seu viver. Hemos de concordar que era dureza de mais para um frágil ser humano.

Não obstante a sua curta existência, José Duro foi dos maiores poetas das letras pátrias. São poemas palpitantes, arrebatadores, escritos sob um turbilhão de desânimo, que dele se apoderou ao sentir-se impotente para debelar uma doença martirizante que não perdoaria.

Como o seu lirismo jàmais houve outro que cantasse com mais sinceridade a tristeza inefável dum destino cruel e atroz, que persegue a maioria dos grandes homens. Esse mesmo destino que tornou a sua alma negra, desesperada, pessimista, como ele próprio nos diz:

Que a vida que eu arrasto amargurada, incalma,
Enrouqueceu-me a voz e amorteceu-me a vista...
Tornou-me o que eu não era — um grande pessimista:
Mostrou-me tudo mau e enegreceu-me a alma...

Em «Fel», vibrante documento inspirado por um sentimento de origem patológica, cada poesia é um brado alucinante de dor atirado à viração indiferente. Por isso os seus versos, eivados de lágrimas, exuberantes de tragèdia íntima — que era toda a angústia que lhe ia na alma — nos aparecem assim agrestes e misantrópicos:

Por isso tenho ódio a quem tiver saúde,
Por isso tenho raiva a quem viver ditoso,
E, odiando toda a gente, eu amo o tuberculoso,
E só estou contente ouvindo um alaúde.

Tanto amava J. Duro a vida, aquela vida de que nos fala em «Rústica», que após tanto sofrimento acabou por odiá-la. Mas só aparentemente, porque detrás desse ódio, que brotava da sua pena, se desprende uma enorme vontade de viver.

Acusaram-no de procurar sòmente temas mórbidos e derrotistas,—influenciado quiçá por leituras de certo modo obscuras e doentias; mas se a alegria e o tédio são resultados lógicos e consequentes de idênticos estados de alma, torna-se difícil em extremo rir desopilantemente, a quem a dor namora e vai aniquilando inexoràvelmente.

Mas onde a musa de José Duro — sempre embebida no fel da desgraça — adquire rara elevação poética, é no seu «CORVO», que Miguel Trigueiros, príncipe dos poetas coevos, classifica «dos mais belos sonetos da língua portuguesa»:

Quando o meu corvo, trémulo, doente,
Como quem sofre as minhas agonias,
Naquela noite veio, amargamente
Dizer-me, soluçando, que morrias,

Percebi-lhe no olhar as nostalgias
Da noite negra, sem luar, fremente,
Aonde as suas asas luzidias
Tomaram cor, misteriosamente...

E à luz medrosa do candeeiro exausto,
Bebendo a minha dor num longo hausto,
Mais triste que o soluço das nortadas,

Analisei a mágoa de nós dois,
Para ver qual sofria mais... Depois,
Céus! Desatei chorando às gargalhadas!

Percebe-se-lhe aqui, nestes catorze versos impregnados de dor latejante, toda a sua fatalidade, todo o sofrimento requintadamente trágico que abraçou o poeta.

Também Albino Forjaz Sampaio, um dos únicos escritores que se quedou extático (se houver êxtase na Dor!) sobre a obra do primoroso poeta, no prefácio à 6.ª edição do «Fel», diz a certa altura em seu louvor:

«A musa de José Duro é trágica e inexorável. Não devaneia, analisa. Não sonha, disseca. A doença abriu a sua alma em versos como um sombrio cacto. O roquejar da tosse, como um vento mau, secou-lhe as últimas ilusões. E nunca se viu um poeta que com tanta crueldade se olhasse para fazer da sua Dor um poema».

E mais adiante:

«José Duro é tão grande como António Nobre e Cesário Verde. Menos artista? Talvez. Mas concerteza mais humano».

Bem merece estas palavras sinceras, o mais esquecido dos poetas portugueses.

Foi durante a sua doença que J. Duro, afastando de si o espectro da negligência, que lhe é muitas vezes inerente, trabalhou com mais afã, febril e veementemente, como que temendo que a Morte o não deixasse mostrar peremptòriamente o seu talento de poeta de eleição.

Conseguiu o seu intento; mas a obra foi votada a um indeferentismo pungente. Desde o seu passamento a esta parte, poucos se importaram em perscrutar, através das páginas que nos legou, o espantoso drama da sua vida. O consternador desprezo que os felizes sentem pelos seus semelhantes a quem a desgraça enlaçou..., Afirmação evidente da grande falta de filantropia que assiste à nossa época. Este *maravilhoso* século da luz a jorros, das superabundantes e fenomenais invenções e dos homens, cada vez mais, terrìvelmente egoístas.

A despeito disso — e, mau grado os que tentam diminuí-lo — o inegável valor do «poeta que amou a Morte», há-de ser sempre glorificado enquanto no mundo existir uma alma que prove o amargo fel da Dor.

Que este artigo escrito em homenagem à sua memória — rasto de perfume sombrio e inebriante do mais desventurado poeta que o sol da Lusa Terra já queimou —, teve pelo menos a intenção de fazê-lo...

José António Moedas

A Vida

JOÃO DE DEUS

(Flores do Campo)

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvai;
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cai!
A vida é flor na corrente,
A vida é sopro suave,
A vida é estrela cadente,
Voa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou.
A vida-pena caída
Da asa de ave ferida —
De vale em vale impelida
A vida o vento a levou!

Nota: — João de Deus nasceu em S. Bartolomeu de Messines (Algarve) em 8 de Março de 1830. Formou-se

(*Continua na página 9*)

Antologia de Poetas Vanguardistas

II

Nicolás Guillen

(CUBANO)

West Indies Ltd

É este o presídio
onde cada homem tem os pés atados.
Esta é a grotesca sede de companies y trusts.
Aqui estão as minas de ferro, as plantações de café,
os port docks, *os* ferry boats, *os* ten cents...
Este é o país do all right
onde tudo está muito mal;
este é o povo do very well
onde ninguém está bem.

Aqui estão os criados de Mr. Babbitt,
Os que educam seus filhos em West Point.
Aqui estão os que guincham: bello, baby
e fumam Chesterfield e Luck Strike.
Aqui estão os que dançam fox-trots,
os boys *do* jazzband
e os veraneantes de Miami *e de* Palm Beach.
Aqui estão os que pedem bread and butter
e coffee and milk...

Aqui estão os absurdos jovens sifilíticos,
fumadores de ópio, exibindo chagas
e estreando um fato cada semana.
Está aqui o melhor de Port-au-Prince,
o mais puro de Kingston, a high-life *da Havana...*

Mas estão aqui também os que remam, com lágimas,
galeras dramáticas, galeras dramáticas!

Tradução portuguesa de JORGE RAMOS